

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA

**Lunara Cristina Ferreira Da Silva**

**Indicadores de conservação preventiva em fichas de documentação  
Museológica: Informação e Registro no Museu do Oratório - ICFG**

OURO PRETO – MG

2021

**Lunara Cristina Ferreira Da Silva**

**Indicadores de conservação preventiva em fichas de documentação**

**Museológica: Informação e Registro no Museu do Oratório - ICFG**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Museologia da Escola de Direito, Turismo e Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira.

Linha de Pesquisa: Gestão de Coleções



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA



**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Lunara Cristina Ferreira Da Silva

Indicadores de conservação preventiva em fichas de documentação  
Museológica: Informação e Registro no Museu do Oratório - ICFG

Monografia apresentada ao Curso de Museologia da Universidade Federal  
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia

Aprovada em 05 de janeiro de 2022

Membros da banca

Doutora - Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto  
Doutora - Gabriela de Lima Gomes - Universidade Federal de Ouro Preto  
Museólogo - Paulo Otávio Laia - Museu do Oratório - ICFG

Professora Doutora Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 15/02/2022



Documento assinado eletronicamente por **Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/08/2022, às 13:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0376015** e o código CRC **0C1D1DDB**.

À minha amada vó Alecina  
(*In memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

Durante esses anos de graduação, compartilhei sonhos e inseguranças, criei laços de amizades, conheci muitas pessoas e cada uma delas deixou um pouco de si. Escrever esses agradecimentos torna esse momento real, diante de uma pandemia que só nos trouxe incertezas e muitas perdas, essa é uma das maiores alegrias e renova a esperança.

Logo, eu preciso agradecer a Deus por me manter firme nesse propósito e por me guiar em todos os caminhos que me fizeram chegar aqui. Aos meus pais, tia Zizinha, meus irmãos, especialmente à Lucinara e Eliane por sempre estarem presentes em todos os momentos, ofertando um abraço aconchegante e amor.

A Simone, pelo companheirismo, amor e muita paciência durante minhas ausências, diante da minha fragilidade, estando ao meu lado e me trazendo força. A todos os meus amigos que mesmo longe, estão sempre presentes.

Agradeço imensamente aos amigos que a turma 16.2 me trouxe e que se tornaram parte da minha vida: Laura Eliza, Laís Flor, Marcus Vinícius, Milla, Weverton e Catharina. Aos membros da Empresa Júnior SOMUS Consultorias, pela parceria, troca de ideias, muitos desafios e muita união acima de tudo.

Ao Departamento de Museologia e todos as professoras/res, que contribuíram para minha formação, sempre solícitos e compreensíveis, principalmente minha orientadora Ana Audebert, por todos conhecimentos transmitidos, parceria, palavras de carinho e dedicação, que com certeza foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Ao Museu do Oratório – ICFG, por ter se tornado minha segunda casa. A todos os funcionários por fazerem da minha experiência de estágio ser tão cheia de afetos, profissionalismo e muita aprendizagem. Nesse sentido, agradeço ao Paulo Otávio pela gestão tão humanizada, sempre presente e disponível à escuta, pelas palavras de acolhimento e sabedoria.

A todos aqueles que contribuíram para me tornar a profissional que sou hoje, que me deram a oportunidade de compartilhar vivências e bons cafés.

*“Você tem que agir como se fosse possível transformar radicalmente o mundo. E você tem que fazer isso o tempo todo.” Angela Davis.*

## RESUMO

No presente trabalho analisamos o registro das informações referentes às práticas da conservação preventiva obtidas através de fichas de documentação museológica desenvolvidas no Museu do Oratório – ICFG. A metodologia é pautada em pesquisa bibliográfica para investigar a relação teórico/conceitual entre documentação museológica e conservação preventiva, pesquisa em documentos de fonte primária e ações de conservação realizadas *in loco* e pesquisa qualitativa para compreensão dos resultados ao analisar as fichas do dossiê de controle e conservação do acervo. Ao fazer o levantamento das informações contidas no dossiê, podemos verificar novas informações que nos possibilitam refletir novas maneiras para continuar desenvolvendo práticas informacionais que podem ser norteadoras para a equipe de trabalho e para manutenção dos cuidados em relação ao acervo.

**Palavras-chave:** Museologia; Documentação Museológica; Conservação Preventiva Museu do Oratório; registro.

## ABSTRACT

In this paper, the information record referring to preventive conservation practices obtained through museological documentation sheets developed at the Museu do Oratório – ICFG was analyzed. The methodology is based on bibliographical research to investigate the theoretical/conceptual relationship between museological documentation and preventive conservation, research on primary source documents and conservation actions carried out in loco and qualitative research to understand the results when analyzing the control dossier files and the collection conservation. When compiling the information contained in the dossier, we can check new information that allows us to reflect on new ways to continue developing informational practices that can guide the work and to maintain care relation to the acquisitions.

**Keywords:** Museology; Museum Documentation; Preventive Conservation of the Oratory Museum; record

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1: Fachada do Museu do Oratório</b>	<b>25</b>
<b>Figura 2: Gráfico com quantitativo de grupos</b>	<b>27</b>
<b>Figura 3: Ficha de Inventário – Museu do Oratório</b>	<b>30</b>
<b>Figura 4: Ficha de Inventário – Museu do Oratório</b>	<b>31</b>
<b>Figura 5: Imagem de uma Ficha simplificada</b>	<b>34</b>
<b>Figura 6: Pormenor do arrolamento diário de atividades</b>	<b>35</b>
<b>Figura 7: Pormenor do relatório de Vistoria</b>	<b>36</b>
<b>Figura 8: Ficha de identificação do objeto</b>	<b>37</b>
<b>Figura 9: Detalhamento dos campos de Diagnóstico de Vistoria</b>	<b>37</b>
<b>Figura 10: Imagem da Ficha das atividades de Conservação Preventiva</b>	<b>38</b>
<b>Figura 11 e 12: Procedimento de limpeza mecânica</b>	<b>41</b>
<b>Figura 12: Quadro com dados relacionados as Fichas</b>	<b>42</b>
<b>Figura 13: Registro da pasta do documento Word</b>	<b>43</b>
<b>Figura 14: Quadro ilustrativo apresenta a soma das vistoria e higienizações</b>	<b>44</b>
<b>Figura 15: Quadro demonstrativo dos agentes de degradação</b>	<b>45</b>
<b>Figura 16: Organograma da dinâmica dos processos destinados ao acervo</b>	<b>46</b>



## **LISTA DE SIGLAS**

DEMU	Departamento de Museus e Centros Culturais
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICFG	Instituto Cultural Flávio Gutierrez
ICCROM	Conselho Internacional para estudos da Preservação e Restauração de Bens Culturais
ICOMOS	Conselho Internacional de Monumentos e Sítios
ICOM	Conselho Internacional de Museus
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MAO	Museu de Artes e Ofícios
MINOM	Movimento Internacional para uma Nova Museologia
MO	Museu do Oratório
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 - DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA E CONSERVAÇÃO PREVENTIVA: PILARES DA PRESERVAÇÃO DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS</b>	<b>15</b>
1.1 - O MUSEU DO ORATÓRIO – INSTITUTO CULTURAL FLÁVIO GUTIERREZ	24
<b>CAPÍTULO 2 - DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA E CONSERVAÇÃO PREVENTIVA: O REGISTRO DAS INFORMAÇÕES DO ACERVO NO MUSEU DO ORATÓRIO</b>	<b>29</b>
2.1 - DOSSIÊ DE CONTROLE E CONSERVAÇÃO DO ACERVO	36
<b>CAPÍTULO 3 - INDICADORES DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA EM FICHAS DE DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA</b>	<b>39</b>
3.1 - AÇÕES DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA APLICADAS AO MO	39
3.2 - LEVANTAMENTO DOS DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DO DOSSIÊ DE CONTROLE E CONSERVAÇÃO DO ACERVO	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>51</b>
<b>ANEXO</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

Intitulada como “Indicadores de conservação preventiva em fichas de documentação Museológica: informação e registro no Museu do Oratório – ICFG, a presente pesquisa que delinea esse Trabalho de Conclusão de Curso teve início durante minhas atividades referentes ao Estágio Supervisionado I, com desenvolvimento no Museu do Oratório (MO) no ano de 2019.

Situado em Ouro Preto, cidade Patrimônio da Humanidade, o Museu do Oratório está localizado no adro da Igreja Nossa Senhora do Carmo. Inaugurado pelo Instituto Cultural Flavio Gutierrez (ICFG) no ano de 1998 abarca uma coleção de Oratórios de singular valor, sendo a única instituição com esse tema em todo território brasileiro.

A Casa Capitular da Venerável Ordem Terceira do Carmo abriga a coleção de Oratórios e imagens de arte sacra que estão distribuídas em três pavimentos. Essa edificação passou por processo de restauração entre as décadas de 1970 e 1980, devido ao avançado estado de degradação e com intenção de acolher o Museu de Arte Sacra do Carmo, que hoje está alojado no interior da Basílica de Nossa Senhora do Pilar. Nos anos de 1990, o casarão passou por novas adaptações para então sediar a coleção do Museu do Oratório.

Desde o período de sua criação, o MO vem desempenhando um papel de destaque para a cidade de Ouro Preto como espaço de educação não formal. Através das visitas mediadas desenvolvidas pela instituição, sejam presenciais e/ou virtuais, objetiva-se criar uma ponte entre acervos e visitantes, comunicando e fomentando as trocas com grupos escolares e diversos outros. Este equipamento cultural colabora também com a preservação da memória de grupos socioculturais, através do Projeto de Valorização das Manifestações Culturais, além de realizar um retorno à comunidade ouro-pretana através das atividades executadas no âmbito do projeto Coral Canto Crescente que reúne crianças entre 7 aos 15 anos da rede pública de ensino do município.

Mas, devo mencionar que, suas ações foram interrompidas devido a doença ocasionada pelo novo Coronavírus, a COVID-19, classificada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde. Diante deste cenário, o Museu do Oratório seguindo as determinações das autoridades da área de saúde, esteve fechado desde março do

ano de 2020 até início de julho de 2021. Logo, todas as atividades presenciais desenvolvidas pela equipe de trabalho e administrativo, foram interrompidas por um longo período e retomadas há alguns meses.

Foram momentos muito desafiadores para os museus que, diante de um cenário de complexidades e incertezas tiveram que se reestruturarem para cuidar de suas estruturas espaciais e acervo, além de buscarem novos caminhos para reaproximação com o público. Para minimizar esses impactos, o MO organizou a retomada da jornada de trabalho com horas reduzidas, em escalas de revezamento de forma gradual, seguindo todos os protocolos de biossegurança. Aos poucos, manutenção pontuais na edificação foram sendo feitas, as ações de conservação preventiva, incluindo a limpeza das vitrines e acervo.

Com as escolas retomando as atividades virtualmente, nos organizamos e produzimos uma visita virtual chamada “Aula de Museu” e em parceria com a Secretária Municipal de Educação – Superintendência Pedagógica realizamos visitas com escolas do município e região. Essas aulas possibilitaram uma retomada da interação entre a exposição do MO e seu público.

Portanto, este Trabalho de Conclusão de Curso está sendo elaborado nesse contexto pandêmico e atravessado por tantas dificuldades. Nosso tema é pautado nas ações de preservação incidentes sobre os bens culturais que compõem o acervo do Museu do Oratório – ICFG e o registro dessas informações. Para que ocorra este processo, é necessário que o Museu esteja alinhado com o conceito e as práticas da cadeia operatória da Museologia, tais como definidas por Cristina Bruno (1999), e que consistem no desenvolvimento de atividades de preservação, comunicação e pesquisa. Diante dessas ações realizadas, levantamos alguns questionamentos: Os dados obtidos com o registro das ações diárias, quando sistematizados, têm potencial de agregar quais tipos de informações? Como elas podem colaborar nos processos de preservação e salvaguarda de forma mais ampla? A documentação relacionada à gestão de acervo pode nos indicar caminhos possíveis para alinhar as metodologias e ações práticas que relacionam documentação museológica e conservação preventiva?

Essa investigação tem como principal objetivo verificar e analisar os processos de registro das informações geradas a partir das práticas de conservação preventiva aplicadas ao acervo do Museu do Oratório – Instituto Cultural Flávio Gutierrez a partir

do ano de 2019 como procedimento integrado às ações de documentação museológica.

Para que esses objetivos cumpram sua finalidade, a metodologia desenvolvida parte da leitura e fichamento de bibliografia sobre o tema. Desenvolvida com o intuito de investigar a relação entre documentação museológica e conservação preventiva, compreendendo conceitualmente o ponto de convergência, a fim de explicar de maneira eficaz as especificidades e desdobramentos dessa relação. Na sequência trazemos um breve histórico acerca do Museu do Oratório para que seja de clara compreensão e entendimento os processos que serão discutidos no decorrer das atividades, assim como ocorrem os processamentos das informações documentais, buscando tais dados desde a sua abertura até os dias atuais.

Realização de pesquisas em fontes primárias no arquivo da instituição, referentes aos processos de documentação das atividades de conservação preventiva. Essa ação visa conhecer, e, por conseguinte interpretar tais registros necessários para averiguação nas documentações internas, por meio de *softwares* e relatórios. Para traçar indicativos foi realizada uma pesquisa qualitativa pautada nos dados extraídos do dossiê de controle e conservação de acervo.

O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo busca compreender os processos museológicos norteados pela preservação representados pela documentação museológica e a conservação preventiva e seus respectivos contextos, investigando assim assimilar a cadeia operatória da Museologia e por quais razões estas duas áreas estão relacionadas e possuem grande relevância para as instituições. Ainda nesse capítulo, o Museu do Oratório – ICFG, instituição definida para a pesquisa, é apresentado.

O segundo capítulo é o mais descritivo, fornecendo o processamento das informações documentais na instituição, desde o período que o acervo ainda fazia parte de uma coleção particular, narrando os processos que conduziram a criação de um sistema de *software* que abarca as fichas de todo o acervo da coleção, que possui certas limitações em relação a adição de novas informações nessas fichas, mas, que por outro lado colaboram para a disseminação da informação e fornecem dados para novas pesquisas. Apresentamos também a estrutura do dossiê de controle e conservação do acervo.

O terceiro capítulo visa analisar como ocorre o registro das informações das atividades de conservação preventiva dentro do escopo da documentação

museológica. Trazendo detalhamentos dos processos de conservação preventiva, assim como análises quantitativas das fichas do dossiê para estas ações desencadeadas através dos objetos e acervos observamos como agregam informações diversas que contribuem para uma leitura técnica mais assertiva, buscando a ampliação das possibilidades de linguagem com os diversos públicos, além de proporcionar a instituição maior expansão de conhecimentos sobre os objetos que estão sob sua guarda. Como conclusão das reflexões realizada pela pesquisa, foi reforçado que, a instituição desenvolva políticas de gestão de acervo, como forma de assegurar a padronização de métodos, com guias, informações que independam da gestão administrativa atual para salvaguardar e manter a estabilidade do acervo, além gerir pesquisa e fomentar a comunicação.

## Capítulo 1 - Documentação Museológica e Conservação Preventiva: pilares da preservação de acervos museológicos

Para compreendermos os caminhos pelos quais essa pesquisa se aprofunda dentro de uma instituição museológica é necessário perceber os processos que antecedem e são complementares para a noção da cadeia operatória da Museologia relacionados ao colecionismo nas sociedades ocidentais. A partir daí pretendemos destacar o que entendemos como os dois pilares estruturantes para a preservação de acervos museológicos: a documentação museológica e a conservação preventiva. Ademais, é preciso compreender a discussão de como esses processos reverberam em estudos até os dias atuais.

O homem sempre teve uma relação com os objetos. Desde a Antiguidade uma grande diversidade de objetos está reunida em gabinetes de curiosidades, galerias de arte ou mesmo nos antiquários. Em concordância com essa afirmação, Pomian (1984, p. 53) destaca que desde a pré-história as sociedades humanas possuem esse hábito de recolher, classificar, conservar e guardar os objetos do seu cotidiano. Uma coleção, para esse autor, se refere a “qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público”.

No âmbito da Museologia, os estudos das sociedades humanas e a cultura material (os objetos) são alvo de estudos desde o final do século XIX. A relação profunda entre o homem e o objeto é definida por Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1999, p. 139 *apud* Guarnieri, 1990, p.7) como fato museal. Sobre esse conceito, ela define “é a relação profunda entre o Homem, sujeito que conhece, e o Objeto, parte da Realidade à qual o Homem também pertence e sobre a qual tem o poder de agir, relação esta que se processa num cenário institucionalizado, o museu”.

Partindo do conceito de fato museal tal como expresso por Rússio, é possível perceber que a Museologia se ocupa da dimensão da realidade e dentro dela se ocupa também dos objetos, acervos e cultura material na medida em que fazem parte da realidade, principalmente se pensamos que a autora os situa no contexto da instituição museu. Nesse sentido, poderíamos inferir um elo com o objeto museal na perspectiva de Nascimento (1994) dentro do contexto museológico que:

Significa a produção cultural (material e imaterial) do homem, os sistemas de valores, símbolos e significados, as relações estabelecidas entre os homens, entre o homem e a natureza, que através da modificação da natureza, cria objetos no decurso da sua realização histórica. São objetos elaborados e existentes fora do homem, mas refletem as complexas teias de relações entre os homens nos processos históricos (NASCIMENTO, 1994, p. 11).

Ao fazerem parte de coleções presentes nos museus esses testemunhos materiais considerados representativos para a humanidade adquirem novos significados. Nesse sentido, pode-se afirmar com ênfase em Loureiro (2013, p.1) que aborda o “conceito de musealização como processo (ou conjunto de processos) por meio dos quais alguns objetos são privados de sua função original e, uma vez revestidos de novos significados, adquirem a função de documento”.

Compreender essa transformação pelo qual o objeto se torna musealizado é também compreender a noção de musealização, conceito que foi introduzido pelo tcheco Zbynek Stránský no campo da Museologia. De acordo com Brulon (2017),

As ideias de Stránský deslocaram o foco dos estudos de museus das coleções e dos museus em si para os processos que os constituem: musealia, musealidade e musealização seriam os seus conceitos-chave para entender tal processo de atribuição de valor às coisas. Esse químico criou um novo ramo de estudos, inaugurando uma escola museológica e provocando o despertar de uma consciência teórica para a Museologia, atualmente indispensável para qualquer estudo nessa área. (BRULON, 2017, p. 405)

Cristina Bruno relembra ideias de Russio Guarnieri, para quem a musealização implica em preservar e enquanto ação museológica aproxima objetos e homens, revitalizando o fato cultural, ou seja, fortalecendo o reconhecimento da própria identidade. É nesse mesmo sentido ainda que Fernanda de Camargo-Moro (1986) compreende:

(...) musealizar no sentido de preservar. — Preservar o quê? A herança cultural que aquela peça representa. E nesta herança cultural não pode haver dicotomia entre o que foi feito pelo homem e o que não foi obra dele — temos que pensar no universo como um todo — o homem, sua obra, seu meio ambiente (MORO, 1986, p. 15).

O papel desempenhado pelos museus ao longo do tempo está em constante transformação ao buscar, por exemplo, novas abordagens inclusivas e comunicacionais. Diante dessa afirmação, podemos mencionar que desde a 24ª Conferência Geral do ICOM em 2016, diante de novos desafios postos na contemporaneidade a comunidade museológica vem atuando no sentido de ampliar a



representatividade de suas decisões e de aproximar-se da realidade museal amplamente diversificada do mundo globalizado. A definição de museu que está em voga é a aprovada em Viena em 2007, durante a 22ª Assembleia Geral do ICOM:

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.

De forma complementar, o olhar de museólogas (os) e profissionais de museus para os objetos também se altera. Estamos considerando que essas instituições tinham por finalidade quase exclusiva a salvaguarda de seus acervos e, desta forma, ações de extroversão continham menor dinamismo e inovações. Na atualidade, de modo geral, as ações mantêm seu caráter preservacionista, mas com objetivo de disseminar a memória coletiva conectando de forma ativa o presente e fomentando as fontes de conhecimento de maneira plural e colaborativa.

De acordo com Cristina Bruno (1999), sempre existiu alguma ideia de preservação, dada a importância desses vestígios de cultura material para os indivíduos. A autora afirma que a preservação:

(...) é a função básica de um museu e que a partir dela estão subordinadas todas as outras, tais como coleta e estudo dos objetos e/ou espécimes da natureza; salvaguarda das coleções e/ou referências patrimoniais (conservação e documentação) e comunicação (exposição, educação e ação sócio cultural), salienta-se que o desempenho articulado de todas estas facetas preservacionistas deve estar vinculado ao exercício da disciplina museológica (BRUNO, 1999, p. 133).

Maria Célia Santos (1994, p. 68) evidencia um panorama sobre a preservação muito pertinente para os objetivos deste trabalho, “o ato de preservar como instrumento de cidadania, como um ato político e, assim sendo, um ato transformador, proporcionando a apropriação plena do bem pelo sujeito (...). Essa abordagem é imprescindível para que a percepção e a forma de tratar a informação seja fundamentada na transformação e uso social desse patrimônio.

É notório que a conceituação de preservação se amplia e ressignifica ao longo do tempo. Essa noção acompanha as mudanças ocorridas no cenário museológico nas décadas de 1970 e 1980 com a denominada Nova Museologia, movimento surgido através de inquietações, e traz a luz os debates sobre a função social dos

museus. Em 1984, em Quebec-Canadá, ocorreu a reunião internacional que deu corpo ao documento conhecido como Declaração de Quebec, que daria vida ao Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), preocupados com uma museologia ativa e interativa, atenta que:

Ao mesmo tempo que preserva os frutos materiais das civilizações passadas, e que protege aqueles que testemunham as aspirações e a tecnologia atual, a nova museologia - ecomuseologia, museologia comunitária e todas as outras formas de museologia ativa - interessa-se em primeiro lugar pelo desenvolvimento das populações, refletindo os princípios motores da sua evolução ao mesmo tempo que as associa aos projetos de futuro (DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 1999, p. 223).

De acordo com Cristina Bruno, a Museologia é uma disciplina preservacionista, com bases atreladas à cadeia operatória que incluem a pesquisa, a salvaguarda e a comunicação.

Dentre as metodologias que fazem parte do dia-a-dia dos museus em suas atividades-meio, destacam-se a documentação museológica e a conservação preventiva. Essas áreas devem estar alinhadas a fim de que o acervo seja preservado. Tendo em vista que a preservação patrimonial abordada neste estudo leva em consideração a materialidade do objeto, mas visa primordialmente seu valor informativo contribuindo assim para a comunicação, nos interessa principalmente investigar e esclarecer sobre os pontos de contato entre as práticas de documentação e conservação, demonstrando como no dia-a-dia alguns procedimentos se entrelaçam e se complementam.

Os processos oriundos das ações museológicas devem ser baseados em princípios norteadores, sistemáticos e também relacionais como a conservação preventiva visando a preservação dos aspectos físicos do objeto, enquanto a documentação museológica trabalha especialmente seu valor documental e informacional.

A documentação museológica é um instrumento de preservação que corrobora para o registro e disseminação da informação. Mas, para entender melhor seu papel é necessário compreender que além da Museologia, outras disciplinas também tratam da documentação de acervos, como é o caso da Arquivologia e Biblioteconomia. Segundo Mário Chagas (1994), a relação entre o homem, documento e espaço é

precisamente o ponto de UNIDADE CONCEITUAL<sup>1</sup> para as três áreas de documentos acima nomeadas.

Todo objeto é passível de se tornar um documento. Porém, como salienta Chagas (1994) as coisas não são documentos em seu nascedouro. Mas podem se tornar a partir do olhar interrogativo, algo que o autor denomina “olhar museológico” ou seja, quando investiga e questiona como determinado objeto foi elaborado, a matéria prima utilizada, autoria, função, dentre outros aspectos relevantes para pensarmos a carga informacional de um objeto enquanto portador de informações.

Na Museologia ao analisarmos as características dos objetos sabemos que são portadores de informações, sendo elas: intrínsecas (são aquelas que podem ser retiradas do próprio objeto, através de sua fisicalidade) e extrínsecas (são oriundas de informação documental e contextual, exigindo outras fontes que não o objeto). Nesse sentido, esse aporte é exclusivo da Museologia, não sendo utilizado necessariamente pela Arquivologia ou Biblioteconomia no tratamento de informações documentárias. Esse é um ponto importante de destacar, pois esse olhar documentalista da museóloga(o) vai impactar diretamente nos procedimentos, muito específicos, desenvolvimentos pela documentação museológica para salvaguarda de acervos e coleções.

A ação de realizar a documentação museológica é de extrema importância. Como ressalta Marilucia Bottalo (2010):

É o processo por meio do qual podemos conhecer alguns dos muitos valores e significados do acervo preservado. Além disso, o registro sobre o histórico dos objetos pode orientar processos de conservação e restauração, ajudar no gerenciamento e monitoramento dos acervos e orientar curadorias cujo intuito seja o de divulgar o acervo por meio de exposições e das ações educativas orientadas para as demandas diferenciadas do público de museus (BOTTALO, 2010, p.52).

As informações extraídas através dos procedimentos de documentação museológica vão agregar conhecimento e proporcionar ferramentas para o desenvolvimento de práticas a serem adotadas em relação à conservação preventiva também. Como processos e práticas complementares, quando pensadas em conjunto podem garantir resultados satisfatórios à instituição nos ajudando ainda a esclarecer

---

<sup>1</sup> Grifo do autor.

do ponto de vista teórico e metodológico aspectos importantes da Museologia enquanto disciplina acadêmica.

Yacy-Ara Froner (2008), nos diz que ao traçar a trajetória da conservação no mundo ocidental, percebe-se que não há referências exatas a respeito de seus primórdios. Porém, também percebemos que há uma preocupação com os bens culturais desde o período da Idade Antiga, na civilização egípcia, como podemos citar o exemplo do processo de mumificação de corpos dos faraós, com intuito de evitar a degradação da matéria.

No decorrer do século XVIII, por meio das expedições napoleônicas muitos museus foram criados ou suas coleções acrescidas devido às descobertas. Esse processo corroborou para as pilhagens e despojo de objetos. Esse momento trouxe à “universalização” do acesso aos bens culturais, além de institucionalizar técnicas voltadas para a manutenção física desses bens culturais (Caldeira, 2006).

Entretanto, é preciso fazer a crítica da ideia apresentada por Caldeira (2006) para compreender que essa universalização não ocorreu de forma concreta, levando em consideração que tais colonizadores usurparam os bens culturais de outros povos e culturas, bens que foram levados principalmente para Inglaterra, Alemanha e França. Mariana Bueno (2019, p. 6) salienta que essa era uma forma de demonstração de poder, além de destacar que os sítios arqueológicos eram comandados pelos países imperialistas sem uma real cooperação com países das bases de pesquisa e prospecção. Esses bens culturais vêm sendo ao longo do tempo reivindicados por seus povos ou países de origem, através do movimento de repatriação, abordado por Bueno (2019):

Movimento sobre a questão da repatriação chegou à Assembleia Geral das Nações Unidas com a resolução de “Restituição de trabalhos artísticos a países vítimas de expropriação” que respaldaram a questão sobre os bens culturais. Ambas reafirmaram, através da Declaração sobre a Concessão da Independência aos Países e Povos Coloniais e da Convenção de 1970, que a restituição de peças museológicas, manuscritos, entre outros, promoveriam a cultura nacional e que os países que tivessem acesso a essas peças teriam a obrigação de procurar uma cooperação com o país ex-colônia. (BUENO, 2019, p.13)

Nesse sentido, é de suma importância o debate que vem ocorrendo sobre a propriedade dos bens e quando o processo de repatriação é bem-sucedido, Karine Costa (2018) salienta:

O retorno dos artefatos culturais aos países originários, se efetivado, permite que uma nova história seja contada, de outro ponto de vista. Também facilita o acesso da comunidade aos seus próprios bens culturais, pois muitas vezes as pessoas não possuem recursos para viajar e apreciar esses objetos nos grandes museus europeus ou norte-americanos, por exemplo (COSTA, 2018, p. 262).

Em meio a esse contexto, o desenvolvimento da conservação se deu principalmente através dos processos de restauração através de um longo caminho com algumas vertentes antagônicas<sup>2</sup> de pensamento. Podemos observar que, alguns acontecimentos históricos impactaram a forma de valoração dos bens culturais. Dentre elas estão a Revolução Francesa ocorrida em 1789 que abriu os caminhos para que os bens culturais fossem tidos como patrimônios públicos e a Revolução Industrial iniciada em meados do século XVIII, que aos olhos de Beatriz Kühl (2008) trouxe consigo profundas alterações na relação de uma dada cultura com seu passado propiciando uma nova maneira de encarar o legado cultural.

Considerando o cenário histórico amplo, as duas guerras mundiais foram devastadoras. Sobretudo a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945) foi a que mais impactou e acarretou profundas mudanças no decorrer da história ocasionando mais vítimas, com maior poder bélico culminando em perdas significativas para a cultura material. Diante de tamanha destruição, a sociedade compreendeu a importância da cultura universal. Com relação a isso Cleide Cristina Caldeira (2006) afirma que:

A partir de então, uma dada obra produzida por um dado povo seria entendida não mais como pertencente apenas àquelas pessoas, mas sim pertencente à humanidade – já não existiam mais grandes realizações nacionais e sim grandes feitos da humanidade. Dessa forma, a proteção dos bens culturais passou a ser um direito e um dever de todas as sociedades as quais consolidam grandes instituições, como a ONU, encarregadas de assegurar a solução pacífica dos conflitos e defender os bens culturais (CALDEIRA, 2006, p. 95).

---

<sup>2</sup> Conforme Froner (2008) a segunda metade do século XIX concebe duas vertentes antagônicas em relação à prática da restauração: de um lado encontramos Eugène-Emmanuel Viollet-le-Duc e de outro Willian Morris e John Ruskin. Viollet-le-Duc, considerado um dos arquitetos-restauradores responsáveis pela reconstrução de muitos monumentos, acredita que a restauração como imitação e reconstrução “no estilo do original” é permissível e utiliza como parâmetro padrões estéticos firmemente estabelecidos. Baseava-se em documentação detalhada das características do estilo. Na visão oponente de Willian Morris e John Ruskin que escreveram o manifesto anti-restauração em 1877, defendem que tais complementações destruíram o espírito original dos edifícios antigos.

E precisamente nesse contexto de pós guerra foi criado na França em 1946 o Conselho Internacional de Museus (ICOM), organização não-governamental vinculada a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO), comprometida com a pesquisa, a conservação e a comunicação para a sociedade do patrimônio natural e cultural mundial, presente e futuro, tangível e intangível. Esse organismo internacional voltado para área de museus, segundo Heloisa Barbuy (2002, p. 3) foi o responsável pela disseminação, na segunda metade do século XX, de uma Museologia Social, voltada para o desenvolvimento humano e contrária à elitização e ao hermetismo que haviam atingido os museus.

Outros órgãos também fizeram parte desse momento, como o Conselho Internacional para estudos da Preservação e Restauração de Bens Culturais (ICCROM), o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), assim como outros organismos internacionais vinculados a UNESCO em prol do patrimônio cultural.

Essa conscientização do patrimônio cultural contribuiu para a responsabilização sobretudo mediante a segurança material desses bens, colaborando para a mobilização de restauradores/as a criarem associações e encontros que culminaram em documentos reguladores como as cartas patrimoniais: Carta de Atenas (1931) que contribuiu para o fortalecimento de pesquisas e métodos científicos para investigar os bens culturais, cultivando as sementes para o entendimento da conservação preventiva.

A carta de Veneza (1964) que reafirma o compromisso da Carta de Atenas e imbrica que as ações realizadas devem ser sempre documentadas através de relatórios, acompanhadas de registro fotográfico, desenhos e que devem ser disponibilizados para pesquisas. A Carta de Itália (1987) que consolida a carta de restauro italiana (1972) e apresenta a definição de salvaguarda e de restauração, além de diretrizes para a realização da restauração. E em um dos anexos apresenta as orientações para a intervenção em livros, entendendo que a restauração é uma ação complementar à conservação.

Como campo profissional, a conservação/restauração teve seu desenvolvimento conjuntamente com outras áreas de conhecimento consolidadas dentre elas, a Museologia. Dentro dos museus, através de cursos em disciplinas isoladas, como ocorreu durante as décadas de 1960 e 1970, no Museu Histórico

Nacional, na disciplina de Conservação e Restauração, ofertada no Curso de Museus (Sá, 2007, p. 148). O autor salienta que dentro dos cursos de Museologia faz-se necessário os conhecimentos acerca da conservação, o qual afirma:

Não se pode pensar em Museologia sem preservação e conservação. A própria definição de museu do ICOM, inclui a conservação como uma de suas atribuições fundamentais. O Código de Ética Profissional do COFEM, Conselho Federal de Museologia, também prevê, em vários artigos, a importância da Conservação para o exercício profissional do museólogo. A partir deste princípio, seria lógico que os cursos de Museologia destinassem um peso considerável à Conservação (SÁ, 2007, p. 149).

Os museus tiveram ainda um papel de destaque no desenvolvimento da conservação preventiva com a conscientização dos avanços nos estudos científicos puderam fazer análises e exames, dentro de seus próprios laboratórios, a fim de buscar maior detalhamento sobre as obras. Além disso, ações de conservação preventiva nos museus, inerentes à Museologia, como planejamento de Reservas Técnicas adequadas, acondicionamento de obras e acervos variados demonstram a relação direta entre a Museologia, os museus e os procedimentos de conservação preventiva.

Nos anos de 1980 é atribuída à conservação preventiva a responsabilidade de medidas para prevenção dos acervos com o intuito de protelar as possíveis avarias que levam a deterioração. Uma das formulações se deu por meio da investigação de Garry Thomson, acerca das variações climáticas dentro dos prédios que abrigam coleções, sejam elas arquivos, bibliotecas ou museus, impactados pela luz, temperatura e umidade incidentes.

A conservação preventiva nos dias atuais está atrelada principalmente ao consenso da mínima intervenção e pela segurança física dos acervos. Uma frase de Teresa de Paula (2008, p. 247) traz reflexões baseadas nas ações desenvolvidas no presente, ela diz que “somos fruto do nosso tempo e o nosso tempo acredita na conservação preventiva”. Se voltarmos às páginas anteriores conseguiremos perceber que todas as atividades de conservação levaram em consideração os conceitos e mentalidades que estavam em voga naquele dado momento, por isso, não há como sentenciar como certo ou errado procedimentos que foram executados no passado.

Cabe a todo profissional, mais especificamente nas áreas em estudo deste trabalho, museólogo(a), conservador / restaurador agir com seriedade e ética. Teresa

de Paula (2008, p. 245) lista alguns princípios básicos para gerar uniformidade dentro dos valores para execução dos trabalhos de conservação:

1 Priorização dos valores documentais do objeto; 2. Pesquisa prévia e documentação exaustiva de qualquer intervenção; 3. Ação de modo a fazer apenas o necessário; 4. Uso de todo o conhecimento disponível sobre o assunto; 5. Uso, apenas, de materiais de qualidade comprovada; 6. Habilitação técnica e intelectual para desenvolver o trabalho que se pretende, não correndo riscos de nenhuma natureza (PAULA, 2008, p. 245).

É notório que o Brasil avançou muito quanto à conservação de acervos e políticas públicas para os museus de modo geral, porém ainda há muito o que superar, principalmente dentro das instituições museais. Os desafios são imensos, tendo como ponto de partida a complexidade de preservar acervos em um país tropical, onde a variação climática é significativa e em paralelo a isso, temos os acervos que necessitam de ambientes estáveis para sua conservação, além de todas as questões políticas que estão atreladas ao funcionamento destes equipamentos culturais.

Não existe uma solução que engloba todas as instituições, cada caso é único e demanda buscar alternativas cabíveis compatíveis com o orçamento e mediante a uma pluralidade de profissionais. Assim como toda instituição, o Museu do Oratório - ICFG possui suas particularidades e desafios acerca da preservação de seu acervo. Uma maneira de compreender o comportamento destes é por meio da investigação da documentação gerada com as ações realizadas nas peças, atividades estas que são inerentes à conservação preventiva.

### **1.1 - O Museu do Oratório – Instituto Cultural Flávio Gutierrez**

O Museu do Oratório é uma instituição privada sem fins lucrativos inaugurada em 1998. O Museu está situado em um casarão histórico, localizado no adro da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, na cidade histórica de Ouro Preto – MG. O edifício que abriga a coleção passou por processo de restauração e adequação para abrigá-lo. Marcado por significativos usos, destaca-se a morada temporária de Antônio Francisco Lisboa (1738-1814) um dos expoentes artífices mineiros, popularmente conhecido como Aleijadinho.



**Figura 1: Fachada do Museu do Oratório**



**Fonte: Arquivo Museu do Oratório – Registro Ane Souza, 2019.**

A coleção de arte genuinamente brasileira abarca oratórios com diferentes tipologias, assim como, imaginárias, peças datadas a partir do século XVII ao século XX. Numerosa parte do acervo foi doada<sup>3</sup> ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) pela colecionadora Angela Gutierrez, idealizadora do Instituto Cultural Flávio Gutierrez<sup>4</sup> (ICFG), também responsável pela gestão de outras coleções em comodato com a instituição.

Com a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), a partir da Lei nº 11.906 de 2009, os museus e acervos federais antes sob guarda do DEMU/IPHAN (Departamento de Museus e Centros Culturais, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) são transferidos para guarda e gestão da autarquia federal

---

<sup>3</sup>Consta no 1º Boletim Informativo do Museu da Inconfidência, a seguinte nota referente a doação do acervo “O Museu do Oratório, inaugurado em 1998 em Ouro Preto, surgiu para tornar pública a coleção particular de oratórios de Angela Gutierrez, formada ao longo de sua vida. Buscando garantir o futuro de tão preciosa coleção, Angela optou pela doação, por escritura pública, de todo o acervo ao Museu da Inconfidência. Uma cláusula de reserva de usufruto garantirá a Fundação Flávio Gutierrez o direito a exploração do Museu do Oratório enquanto for do interesse da Angela. O Termo de Doação foi assinado por diversas celebridades. O Museu do Oratório fica na Casa do Noviciado, no adro da Igreja do Carmo, ao lado do Inconfidência” (MUSEU DA INCONFIDÊNCIA, 1999). Disponível em <<https://museudainconfidencia.museus.org.br>>. Acesso em: 17/11/2021.

<sup>4</sup>Entidade cultural criada em 1998, sediada em Belo Horizonte sem fins lucrativos, possui a missão de criar e propiciar a reflexão e o intercâmbio de ideias a fim de fomentar e ampliar o acesso à memória nacional. Responsável pela criação do Museu do Oratório, 1998 (Ouro Preto); Museu de Artes e Ofícios, 2005 (Belo Horizonte); Museu de Sant’Ana, 2014 (Tiradentes). Disponível em: <<https://icfg.org.br/>> Acesso em 17/02/2021.

responsável pelo setor. As obras doadas estão sob responsabilidade do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), representado pelo Museu da Inconfidência e ICFG.

A exposição de longa duração do Museu destaca a importância da religiosidade no interior do país, assim como estabelece relação aos dados antropológicos, etnográficos, artísticos e devocionais transportando (as) os visitantes a uma viagem atemporal.

Os oratórios fazem parte do imaginário social delineado pela religiosidade, é o lugar destinado às preces, lugar de proteção e guarda do santo de devoção. De origem medieval, esse objeto chegou ao Brasil com a colonização portuguesa articulada junto ao catolicismo, com o intuito de proteção individual daqueles que circulavam em terras desconhecidas e de evangelização para os indígenas e escravizados.

Esses oratórios estão distribuídos em três pavimentos expositivos com aproximadamente 300 imagens de arte sacra e 162 oratórios, marcados por diversas tipologias e funções. Cada piso expositivo apresenta cenários que contextualizam as práticas e rituais que marcaram época, juntamente com oratórios com características singulares.

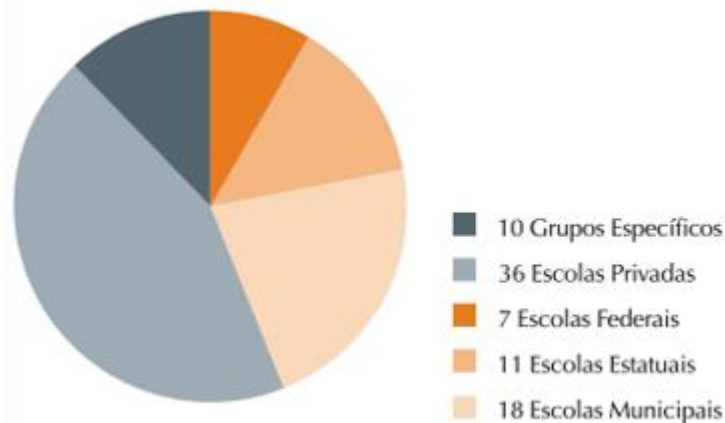
Esses objetos devocionais apresentam variados suportes. Podemos mencionar o ferro batido, madeira, latão, prata, conchas marítimas. Existe até mesmo um exemplar confeccionado em ovo de ema! Também existem em materiais característicos da região de Ouro Preto como a calcita, além de materiais que estão presentes nos dias atuais, como as miçangas, os papeis, tecidos dentre outros.

Destacam-se também na coleção obras com referências artísticas dos estilos barroco e rococó que são atribuídas a mestres ilustres da pintura, arquitetura, escultura, como podemos citar o Antônio Francisco Lisboa, Manuel da Costa Athaide, Francisco Vieira Servas, Francisco Xavier dos Santos.

Diante de tamanha riqueza são realizadas visitas mediadas desenvolvidas pela instituição, sejam presenciais e/ou virtuais que objetivam estabelecer uma ponte entre os acervos e as/os visitantes, comunicando e fomentando as trocas com grupos de educadores e estudantes da rede privada e pública de todo o país. Conta também com atendimento aos grupos não escolares, assim como visitantes espontâneos.

De acordo com o Relatório Anual – 2017 desenvolvido pelo ICFG, disponibilizado em seu site o MO recebeu 29.863 visitantes, sendo que deste total 69% foi com isenção da taxa. É perceptível que o Museu atende um expressivo número de grupos, como pode ser observado através do gráfico abaixo:

**Figura 2: Gráfico com quantitativo de grupos**



**Fonte: Arquivo Museu do Oratório – 2017**

Mediante as informações disponibilizadas podemos observar a relevância do trabalho desempenhado, através do quantitativo de grupos com o intuito de atender às demandas de cada grupo, até mesmo aqueles sem agendamento prévio. O Museu se empenha para que todas/os sejam atendidos de forma adequada e possam desfrutar de uma experiência singular na visita.

Este equipamento cultural colabora também com a preservação da memória de grupos socioculturais através do Projeto de Valorização das Manifestações Culturais que vem sendo desenvolvido desde 2005. Algumas ações do Projeto são: Oficina de Oratório com materiais recicláveis, Ornamentação de Cruzeiros, Encontro de Pastorinhas. Desenvolve também o projeto “Coral Canto Crescente” que desde 2012 reúne crianças entre 7 aos 15 anos da rede pública de ensino do município com intuito de proporcionar um retorno à comunidade ouro-pretana no que tange ao desenvolvimento das manifestações artísticas singulares e próprias da região.

O Museu compreende que para ocorrer boas interações é necessário que a exposição de longa duração esteja em boas condições. São realizadas ações preservacionistas com o cuidado e avaliação mensal do seu acervo. As atividades de monitoramento ambiental, vistorias e ações de higienização fazem parte desse processo.

É importante destacar também as atividades que envolvem a segurança das peças contra incêndios, sinistros e qualquer outra avaria. Por isso, a manutenção predial e de seu entorno é de suma importância para o alinhamento de todas as práticas

e a documentação destas para assegurar o registro das informações da rotina diária para a atualização do banco de dados da instituição e para fornecer material para pesquisas e orientação para a administração vigente.

## Capítulo 2 - Documentação Museológica e Conservação Preventiva: o registro das informações do acervo no Museu do Oratório

A coleção que hoje compõe o acervo do Museu do Oratório – ICFG advém de uma coleção particular que foi doada ao IPHAN, como já foi mencionado no primeiro capítulo. O levantamento das informações sobre a coleção está pautado nos processos que são inerentes à criação da instituição que foram disponibilizados para a execução deste trabalho.

Segundo as informações recolhidas através do Plano Museológico de 2021 do Museu do Oratório inicialmente foram doadas ao patrimônio 303 objetos advindos da coleção até então privada da colecionadora Angela Gutierrez. Atualmente, a coleção abarca um somatório de 469 objetos:

1. 303 - Objetos referentes à doação;
2. 138 - Objetos em comodato;
3. 028 – Objetos que compõem a cenografia.

Para que o Museu do Oratório tivesse essa configuração que está em exibição foram realizadas uma série de pesquisas e extenso trabalho de documentação durante os dois anos que antecederam a inauguração do Museu.

Como fruto desse trabalho foi gerado um inventário organizado em três volumes. Ele corresponde às peças sacras da coleção Angela Gutierrez e foram a base para o levantamento e identificação do acervo que iria compor o acervo referente à exposição de longa duração do Museu do Oratório. A responsável pela execução desse arrolamento foi a historiadora Cristina Ávila, com a contribuição do Grupo Oficina do Restauro<sup>5</sup>, por meio da restauradora Rosângela Reis, responsável por fazer revisão final do documento e pelo estudo de estado de conservação das peças, juntamente com os materiais e técnicas presentes no acervo.

Cristina Ávila (1998) menciona a metodologia do trabalho realizado:

Os dados aqui levantados seguiram a metodologia da pesquisa em História da Arte, com verificação de aspectos históricos, datação presumível,

---

<sup>5</sup>A sociedade denominada GRUPO OFICINA DE RESTAURO LTDA. fundada no ano de 1987 pelos restauradores Adriano Reis Ramos, Maria Regina Reis Ramos e Rosângela Reis Costa, tem por atribuição a prestação de serviços na área de preservação e restauração de bens imóveis e móveis e arte aplicada, treinamento e capacitação de mão de obra especializada, assessoria técnica, consultoria, montagem de exposições, embalagem e transporte de obras de arte, projeto, execução, pesquisa e inventário, bem como a organização de eventos ligados à difusão e divulgação do patrimônio cultural. Disponível em <<http://www.grupooficinaderestauro.com.br/>>. Acesso em: 17/11/2021.

características técnicas, características estilísticas e iconográficas. Foram feitas as aproximações possíveis de autoria e época, baseadas em análises formais pois a coleção, por sua característica devocional, não possui documentação de época, tais como recibos de pagamentos pela fatura das peças (ÁVILA, 1998, p. 2).


Esse primeiro inventário teve como objetivo fazer um levantamento dos bens, assim como facilitar sua identificação e classificação. Abaixo temos um exemplar dessa ficha:

Figura 3: Ficha de Inventário – Museu do Oratório

**MUSEU DO ORATÓRIO**  
**COLEÇÃO ANGELA GUTIERREZ**

**IDENTIFICAÇÃO**

01 designação: Oratório de salão	07 número: 96.034 / O
02 espécie: Objeto de Devoção	08 nº inventário anterior/âmbito: P.324
03 natureza: Culto doméstico	09 origem: Minas Gerais
04 época: Sec.XVIII	10 procedência: Mariana
05 autoria: Pintura de Manuel da Costa Athaide (atribuição).	11 modos de aquisição: compra.
06 material/técnicas: madeira recortada e entalhada; douramento e policromia; Incrustações em madreperla e metal.	12 marcas/inscrições/legendas:



13 descrição:  
Oratório com base recortada em concheados e volutas compondo dois (2) pés e decoração inferior. Laterais em recortes sinuosos. Arremate superior em rochalhas compondo frontão sinuoso arrematado por palmetas e penacho terminado em conchas. Frisos dourados, perfil do camarim em frisos dourados e concheados. Internamente, camarim de fundo azul claro, com presença de suvenis, querubins e flores. Ao centro, vê-se crucifixo de madeira com penteadas em prata, apresentando Cristo em posição tradicional. Aos pés da Cruz aparecem: sobre pecanha - Virgem das Dores ajoelhada; à esquerda do espectador Maria Madalena e à direita: São João evangelista. Na base Santo Sudário. Nas laterais da Cruz vêem-se, sobre penhas douradas à esquerda do espectador N. Senhora Mãe dos Homens e à direita Santo Antônio. Ambos apresentam o Menino Jesus nos braços.

14 Documentação Fotográfica/Localização:	
foto:	registro:
contato:	
operador/câmera: Marcilio Porto Gazinelli/julho 1997	
15 Dimensões:	
altura:	55cm
largura:	33cm
comprimento:	
profundidade:	14,5cm
circunferência:	
peso:	

Fonte: Arquivo Museu do Oratório, 1998.

A primeira parte do inventário contém as informações de identificação da peça, como destaca Maria Inês Cândido (2002, p.46) os dados sistematizados nos campos desta parte da planilha devem conter informações objetivas sobre a peça, permitindo sua leitura imediata, situando-a, de forma específica, dentro do universo do acervo.



Informações estas que, quando observamos a ficha (fig.3) há essa sistematização documental distribuídas em 15 campos informacionais, sendo eles: designação, espécie, natureza, época, autoria, material/técnica, número, número inventário anterior / ano, origem, procedência, modos de aquisição, marcas/inscrições/ legendas, descrição, documentação fotográfica /localização, dimensões e ainda mais um campo com a imagem do objeto.

Figura 4: Ficha de Inventário – Museu do Oratório

<b>ANÁLISE HISTÓRICO-ARTÍSTICA</b>	
<b>16 estado de conservação:</b> Perdas no douramento do resplendor e na policromia. Rachaduras no suporte. Partes refixadas com parafusos e cola.	
<b>17 restaurações:</b>	<b>restauradores:</b>
	<b>data:</b>
<b>18 características técnicas:</b> Caixa de madeira colada e pregada. Presença de pregos de ferro nos pés. Vidro na frente. Caixa em entalhes e recortes. Policromia e douramento. Imagens de madeira. Detalhes em madrepora e prata. Pintura a óleo.	
<b>19 características estilísticas:</b> Caixa em estilo D. José caracterizada por recortes sinuosos, volutas e concheados elegantes. Apresenta pintura rococó delicada e finamente elaborada, com anjinhos de rosto arredondado e olhos esbugalhados que remetem à fatura de Manuel da Costa Athaide. Imagens de alta qualidade técnica, destacando-se a erudição do conjunto escultórico.	
<b>20 características iconográficas/ornamentais:</b> Ornamentos: querubins, nuvens, guirlandas de flores e buquês (pintura). Concheados, volutas, recortes sinuosos, palmetas e penacho. Iconografia: Cena do Calvário - Monte próximo de Jerusalém onde teve lugar a paixão de Cristo. Estavam presentes sua Mãe, o discípulo João e Madalena.	
<b>21 dados históricos:</b> MANUEL DA COSTA ATHAÍDE - Nome do maior prestígio e talento da pintura religiosa mineira, companheiro do Aleijadinho em realizações de vulto como a Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, e os Passos da Paixão do Santuário do Bom Jesus, em Congonhas. Athaide nasceu na cidade de Mariana, em cuja Catedral foi batizado a 18 de outubro de 1762. Possuiu o atestado público de professor das "Artes de Pintura e Arquitetura", tendo em 1818, requerido a Dom João VI a criação em Minas de uma escola de formação artística. Suas obras principais são: Forro da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto; Capela-mor da Matriz de Santo Antônio, em Santa Bárbara, encarnação das figuras dos Passos da Paixão em Congonhas; Ceia do Caraca.	
<b>22 referências bibliográficas/arquivísticas:</b> PEREZ-RIOJA, J. A DICCIONARIO DE SÍMBOLOS Y MITOS. Madrid: Tecnos, 1971. p. 108. ÁVILA, Alfonso & SANTOS, Cristina Ávila. INICIAÇÃO AO BARROCO MINEIRO. São Paulo: Nobel, 1984. p.74/75.	
<b>23 observações:</b> Pintura atribuída a Manuel da Costa Athaide. Peça que participou das exposições: 1990 - Rio de Janeiro / Casa França Brasil; 1992 Portugal / Lisboa Museu da Igreja de São Roque; 1993 - França / Paris Sede da Unesco; 1994 - Chile / Santiago - Casa de La Matta; 1995 - Venezuela - Caracas - Museu Sofia Imber; 1997 - Belo Horizonte / M.O. Fórum das Américas / Palácio da Liberdade.	
<b>24 realizado por:</b> Cristina Ávila 29/04/96	<b>revisor/datas:</b> Cristina Ávila 30/04/96 e 21/7/97 Rosângela Reis Costa - 21/7/97.

Fonte: Arquivo Museu do Oratório, 1998.

Na parte posterior da ficha são identificados os dados que comportam a análise histórico - artística do objeto abrangendo 9 campos informacionais, descritos como: estado de conservação, restaurações/restaurador, características técnicas, características estilísticas, características iconográficas/ornamentais, dados

históricos, referências bibliográficas/arquivística, observações, realizador por/revisor/data, dentre eles, as informações que são extrínsecas à peça.

Por alguns anos o inventário em papel prevaleceu sendo a principal fonte de recuperação de informação do Museu. Em 2010 foi implantado um sistema informatizado criado especificamente para atender as demandas dos Museus do ICFG – Museu do Oratório e Museu de Artes e Ofícios (MAO). Nesse momento houve a necessidade de retomada da atenção para a ficha em papel, ocasionando uma revisão da pesquisa realizada anteriormente.

Nessa conjuntura também ocorreu o processo de criação de um novo número de inventário, que até então estava com o registro da coleção particular. Como enfatiza Cristina Ávila (1998, p.2) a numeração não tinha teor museológico, tornando-se um código básico que identificava o oratório e as peças que o compõem como conjuntos indissociáveis. A nova marcação sequencial alfanumérica foi inserida no acervo facilitando a identificação de cada objeto pertencente à coleção que faz parte da exposição de longa duração.

Anterior: AG 96127 – I

1. AG – Sigla da Coleção
2. 96 - Ano de início do processamento da peça;
3. 127 - Número de entrada da peça no inventário;
4. Letra I – Significado de imaginária; as outras letras encontradas são: A – significa acessórios; O – Oratórios; P – Pintura; M – Mobiliário; E – Escultura; EV – Ex-votos.

Atual: MO.072.1. a

- 1.MO – Sigla do Museu;
- 2.072 – Número do oratório;
3. 1 – Número de objetos inseridos no oratório;
4. a. partes divididas.

O novo sistema de gerenciamento informatizado dos objetos possui uma estrutura com os seguintes campos: Objeto, Classificação, Material, Localização, Configuração, Usuário e ajuda em sua interface principal. Dentro de cada um desses campos há subtópicos e alguns deles permitem fazer relatórios, assim como fichas, registro de informações relacionadas às exposições que alguns dos objetos fizeram parte, detalhamento mais aprofundado sobre o objeto, além de apresentar uma documentação fotográfica mais detalhada.



Os campos que mais nos interessam nesse trabalho são os que abrangem os dados de conservação e restauração. Na ficha atual temos o campo “Restaurações” que permite o registro das intervenções feitas no acervo antes da abertura do Museu e o campo “Conservação” considerado um campo informacional fechado e não descritivo que permite assinalar os critérios – ótimo, bom, regular, péssimo, de acordo com o estado de estabilidade da peça naquele determinado momento.

Esse sistema informatizado contribuiu para levantamento de novos dados sobre os objetos, com um banco de dados de documentação fotográfica englobando mais de 400 fichas. Entretanto, há uma problemática em relação a esse programa de *software*: como foi desenvolvido para tais instituições ele demanda um código de acesso que o museu não possui (pois sua arquitetura de metadados é fechada) e não há recursos financeiros para contratação de técnicos especializados para essa finalidade. Nesse sentido, ele pode ser alimentado com novos dados que geram informações importantes sobre o acervo, mas não pode ser modificado ou aprimorado no caso de surgimento de novas demandas informacionais.

Assim, apesar de não possibilitar acréscimos esse sistema garante uma agilidade na obtenção da informação pesquisada, otimizando o trabalho do corpo técnico da instituição. Com relação a informatização do banco de dados Angélica Fabbri e Cecília Machado (2010) concluem que:

enfaticamente que a ferramenta da informática não é um fim em si mesma, mas parte de um processo contínuo da instituição museológica. A documentação, nesse universo, tem a função precípua de ser a base de toda a pesquisa relativa ao acervo. Quanto mais eficiente e completa, maiores serão as possibilidades de se atingir a meta principal da instituição museológica, que é difundir conhecimento e inserir a sociedade em discussões culturais (FABBRI; MACHADO, 2010, p.29).

Nesse sentido, o Museu compreende a importância da informatização da informação como ferramenta de difusão e acesso e neste sentido disponibiliza através do seu *site* informações sobre seu acervo. Exemplo disso são algumas fichas simplificadas disponibilizadas de algumas das tipologias de oratórios que estão presentes na coleção do Museu, como a referida a seguir:

Figura 5: Imagem de uma Ficha simplificada



Fonte: Site do Museu do Oratório<sup>6</sup>

O Museu do Oratório disponibiliza sua documentação museológica para consulta sempre que solicitado. A instituição exige para pesquisadoras/res externos uma solicitação formal, mediante a autorização do ICFG. Frisa também a importância da elaboração de uma política para o uso das informações presentes nos documentos consultados por terceiros.

A instituição também desenvolve atividades de conservação preventiva. Podemos enfatizar o monitoramento ambiental, que começou a ser aferido a partir da instalação de um termo-higrômetro eletrônico no subsolo, em 2015, com checagem diária.

As atividades de conservação preventiva contemplam também as vistorias e higienizações. O procedimento avaliativo é promovido quinzenalmente para verificação do estado de conservação, no qual são observadas as situações das vitrines com relação à limpeza em seu interior e um olhar minucioso nos acervos. O processo de higienização das peças é realizado de acordo com as informações recolhidas a partir das vistorias.

Em relação à documentação que envolve o registro das práticas de conservação preventiva, podemos observar que os registros dessas informações

<sup>6</sup> Disponível em: < <https://museudooratorio.org.br/>> Acesso em: 12/11/2021.

começaram a ser transcritas para o formato digital a partir do ano de 2013, com o ingresso da museóloga Vanessa Gonçalves de Vasconcelos no corpo de funcionárias/os da instituição, resultando em um olhar técnico especializado para as dinâmicas de conservação preventiva do acervo. As ações de conservação preventiva eram desenvolvidas pela empresa Oficina do Restauro, sob a responsabilidade do restaurador Adriano Ramos, porém sem registro das mesmas no banco de dados da instituição.

Em 2014 começam a ser registradas as informações acerca das vistorias feitas pela instituição. Abaixo, como exemplo, o arrolamento que contempla vistoria e higienização promovidas no mês de dezembro.

**Figura 6: Pormenor do arrolamento diário de atividades**

ICFG INSTITUTO CULTURAL FLÁVIO GUTIERREZ		ARROLAMENTO DIÁRIO DE ATIVIDADES MUSEU DO ORATÓRIO / DEZEMBRO 2014		m MUSEU DO ORATÓRIO	
LOCALIZAÇÃO	OCORRÊNCIA	DATA	HIGIENE		
Vitrine 01 SS	Muita sujidade.	22/12			
Vitrine 02 SS	Sujidade.	22/12	23/12		
Vitrine 03 SS	Sujidade.	22/12	23/12		
Vitrine 04 SS	Sujidade.	22/12	23/12		
Vitrine 05 SS	Sujidade / pena espanador.	22/12	23/12		
Vitrine 06 SS	Sujidade / gesso.	22/12	23/12		
Vitrine 07 SS					

**Fonte: Arquivo Museu do Oratório, 2014.**

O documento contém informações relevantes na interface entre documentação e conservação com os campos: Localização, Ocorrência, Data e Higiene. Esses campos são preenchidos de acordo com o que foi observado na vistoria e atualizado com a data em que a higienização ocorreu.

Em 2016 ocorreu a segregação dos relatórios de vistoria, higienização e os campos informacionais se tornaram mais detalhados. O documento contém 4 campos informacionais, a data que foi realizada, o local é referente ao pavimento, o evento corresponde os agentes de degradação encontrados e responsável é o profissional que realizou a atividade, como pode ser observado abaixo:

**Figura 7: Pormenor do relatório de Vistoria**

ICFG INSTITUTO CULTURAL FLAVIO GUTIERREZ		MUSEU DO ORATÓRIO RELATÓRIO DE VISTORIA DO ACERVO		m MUSEU DO ORATÓRIO	
DATA	LOCAL	EVENTO	RESPONSÁVEL		
07/03	Térreo	Necessidade de higienização Vitrines 32t, 28t (excremento de insetos).	Flaviana Guimarães MO		
07/03	1º Pav.	Necessidade de higienização – reconstituição de batismo. MO 206.a, Coroa de Nossa senhora da conceição Haste desprendida.	Flaviana Guimarães MO		
10/03	1º Pav	Necessidade de higienização de objetos em material têxtil: indumentária e toalha.	Flaviana Guimarães MO Katiúcia Prates MO		

**Fonte: Arquivo Museu do Oratório, 2016.**

A partir do ano de 2017 percebemos que essa documentação é sistematizada e organizada dentro de uma pasta nomeada por ano. Dentro possui o arquivo de vistoria ordenado por mês. Essa organicidade no trato das informações das ações de conservação preventiva teve seguimento por cerca de um pouco mais de um ano.

## 2.1 - Dossiê de Controle e Conservação do Acervo

Através da minha entrada na instituição para execução do estágio supervisionado I, por intermédio da vivencia nesse espaço, proximidade com o acervo e sua documentação, pude fazer observações que culminaram na elaboração do Dossiê. A partir das necessidades de registro das informações relacionadas às vistorias e práticas de conservação preventiva, a criação de uma ficha para os campos citados acima fez-se necessária. Levando em consideração que: a) a documentação, assim como a conservação são processos dinâmicos; b) que com o passar do tempo precisam de atualização; c) o sistema informatizado não possibilita o acréscimo de informações, foi necessária a criação de uma nova ficha que abarque esses processos e que possa ser utilizada e atualizada diariamente, se for o caso.


A elaboração das novas fichas teve desenvolvimento em um *software* de criação e edição de texto, o *word*, ferramenta que possibilita as inserções de novas ações e atualizações. A sistematização desses dados permite a identificação imediata do objeto em destaque, garantindo a uniformização, além de disponibilizar a recuperação e atualização dos dados.

Ao longo do tempo foi possível observar que o detalhamento das ações de conservação preventiva foram ocorrendo de acordo a necessidade de registro e sistematização desses dados. Dessa forma, inferimos a partir da prática, observação

e análise como essas informações podem conduzir a melhorias nos procedimentos aplicados aos acervos.

A sistematização das informações contidas neste dossiê contou com a organização das informações de identificação do objeto, através dos dados fornecidos pelo sistema informatizado e exemplificadas na imagem abaixo:

Figura 8: Ficha de identificação do objeto

MUSEU DO ORATÓRIO DOSSÊ DE CONTROLE E CONSERVAÇÃO DO ACERVO – MO.218			
	Nº OBJETO	MO.218 - Doação	DESCRIÇÃO
	NOME OBJETO	Oratório (Saia)	Oratório de madeira esculpida e entalhada, com policromia e douramento, possuindo pouca profundidade. Externamente, apresenta base com três (03) pés: dois (02) frontais em volutas e corcheados, que se fundem à moldura do frontispício e, um (01) posterior, em formato curvo. Estrutura principal possuindo, na vertical, cavas em arco (05) facetas com quinas curvas e verso paralelado. Frontispício decorado apresentando moldura entalhada em volutas douradas e ornatos em rocaílas, balizando um amplexo de vidro. Frontão sinuoso arrematado por paletas e penacho terminado em corcheas. Internamente, apresenta laterais em policromia branca com ornatos pictóricos de rosinhas de Malabar e rocaílas douradas. Fundo azul com ornatos pictóricos de nuvens brancas, querubins de asas vermelhas e raiado dourado ao centro, possuindo dois (02) corseios dourados de base afunilada e superfície em semicírculo, com as representações escultóricas de Santo Antônio à direita e Nossa Senhora Mãe dos Homens à esquerda do espectador. Base com elevação central com o relevo de Cristo crucificado. Cruz latina de madeira esculpida e entalhada, com detalhes em metal, resposições de douramento, apresentando imagem de Cristo crucificado. Cruz com travessetas, possuindo pontalões com ornatos metálicos. Cartela sinuosa feita em metal ao alto. Sobre o eixo perpendicular das travessetas, respindor de metal prateado, em forma de <i>capote</i> , possuindo elemento <i>fontão</i> ao centro. Sob o eixo perpendicular das travessetas, grande raiado em metal prateado. Representação de Cristo crucificado em metal dourado. Figura masculina cruzada sobre a cruz. Cabeça inclinada à direita, possuindo cabelos castanhos longos, ondulados, partidos ao meio. Rosto triangular com barba e leve detalhamento facial, apresentando olhos cerrados, nariz fino e boca pequena. Braços em "Y" e dorso nu exibindo tórax com costelas em ogiva. Perímetro esvaziante à direita atado por cordão, deixando parte da coxa descoberta. Pernas levemente flexionadas com pé direito sobreposto ao esquerdo. Apresenta cravos nas mãos e nos pés. Corte ao lado direito do peito, feridas e chagas pelo corpo. Peanha em forma semicircular, possuindo dois (02) volumes, cujo mais alto apresenta as imagens metalizadas, em relevo, de Maria Madalena, Nossa Senhora das Dores e São João Evangelista. À direita do espectador, São João Evangelista. Figura masculina em pé, posição frontal, com leve torção corporal. Cabeça ligeiramente voltada à direita, <i>seticilício</i> , possuindo auréola. Rosto oval com leve detalhamento facial, apresentando olhos, nariz e boca. Braços flexionados à frente, mãos sobre o peito. Veste túnica longa e manto caindo diagonalmente pelo ombro esquerdo. Pés com as pontas dos sapatos à mostra. Ao centro, acima das outras representações, Nossa Senhora das Dores. Figura feminina ajoelhada e em posição frontal. Cabeça levemente virada à esquerda com cabelos longos, possuindo auréola. Rosto oval com detalhamento facial, apresentando olhos, orelhas, nariz e boca. Braço direito flexionado à frente, mão sobre o peito. Braço esquerdo flexionado ao lado, mão a aplicar. Veste túnica longa e manto pendendo pelo braço esquerdo. Perna direita flexionada, dando saliência à vestimenta e perna esquerda ajoelhada. Pé direito com a ponta do sapato aparente. À esquerda do espectador, imagem de Maria Madalena. Figura feminina em pé e posição frontal. Cabeça levemente virada à esquerda, possuindo véu e auréola. Rosto oval com detalhamento facial, apresentando olhos, orelhas, nariz e boca. Braço à frente, mãos entrelaçadas. Veste túnica longa e manto pendendo pelo braço esquerdo. Não com a ponta dos sapatos à mostra. Ainda nesta área, ornatos metálicos: imagem de caveira sobre ossos cruzados ao centro, e, grande rocaíla sobre a moldura de intersecção na subdivisão da base, na parte inferior desta, ornatos metálicos: bandeirola com a face de Cristo ao centro, emoldurada por rocaílas. Ainda nesta área, ornatos metálicos: imagem de caveira sobre ossos cruzados, ao centro, e, grande rocaíla sobre a moldura de intersecção dos andares. Sobre o andar de baixo, ornatos metalizados: bandeirola com a face de Cristo ao centro e rocaíla na moldura da base.
	CLASSE	Interiores	
	SUBCLASSE	Peça de Mobiliário	
	MATERIAL	Madeira, Vidro	
	ORIGEM	Minas Gerais	
	DATAÇÃO	Século XVIII	
	DIMENSÕES (cm)	55,0 x 35,0 x 10,0	
	PESO (kg)	2,05	
	MARCAS / INSCRIÇÕES		
LOCALIZAÇÃO	VT 64 1ª		
ESTADO DE CONSERVAÇÃO – TERMO DE REFERÊNCIA MO-2009			
CONSERVAÇÃO GERAL	BOM	X	REGULAR
ESTRUTURA / MATERIAL	Estrutura com rachaduras. Pintas refinadas com parafusos e cola. Perda de parte dos estais frontais.		
ATAQUE DE INSETOS			
ABRAÇÕES			
FURTO			
DESPRENDIMENTO PARTES			
RACHADURAS / FISSURAS			
QUEIMADURA			
SUJIDADE			
POLICROMIA			
DOURAMENTO	Perda no douramento da policromia.		
REPINTURA			
CRACKLÉS			
MANCHAS			
OXIDAÇÕES			
PARTES	* Conjunto: Escultura Religiosa - Santo Antônio MO.218.1; Nossa Senhora do Carmo MO.218.2.		

Fonte: Arquivo Museu Do Oratório, 2019

Seguida da ficha de diagnósticos das vistorias, contendo campos que abrigam as informações que são recolhidas quinzenalmente através das vistorias, explicitadas a seguir:



Figura 9: Detalhamento dos campos de Diagnóstico de Vistoria

MUSEU DO ORATÓRIO DOSSÊ DE CONTROLE E CONSERVAÇÃO DO ACERVO – MO.218			
<b>DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA</b>			
DATA	31/01/2019		
ANÁLISE DA PEÇA	Fungo na parte inferior.		
OBSERVAÇÕES			
RESPONSÁVEL	Lunara Cristina e Thiago Andreuci	FUNÇÃO	Estagiários
DATA	31/01/2019		
REVISÃO		FUNÇÃO	DATA
<b>DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA</b>			
DATA	07/02/2019		
ANÁLISE DA PEÇA	Fungo na parte inferior.		
OBSERVAÇÕES			
RESPONSÁVEL	Katiúcia Prates	FUNÇÃO	Monitora
DATA	07/02/2019		
REVISÃO		FUNÇÃO	DATA

Fonte: Arquivo Museu Do Oratório, 2019

A última classificação metodológica da ficha fica a caráter das denominadas atividades de conservação preventiva e abarca as informações detalhadas sobre as patologias encontradas nos acervos à cada avaliação, estruturada como na imagem:

**Figura 10: Imagem da Ficha das atividades de Conservação Preventiva**

		<b>MUSEU DO ORATÓRIO</b> DOSSIÊ DE CONTROLE E CONSERVAÇÃO DO ACERVO – MO.218			
<b>ATIVIDADE DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA</b>					
DATA	11/06/2019				
ANÁLISE INICIAL	Fungos				
MATERIAIS UTILIZADOS	Trincha, flanela, álcool a 98,2° INPM.				
PROCEDIMENTO APLICADO	Higienização mecânica realizada com trinchas de cerdas macias e limpeza da vitrine com solução de álcool a 98,2° INPM.				
OBSERVAÇÕES					
RESPONSÁVEL	Katiúcia Prates / Lunara Cristina	FUNÇÃO	Monitora / Estagiária	DATA	11/06/2019
REVISÃO		FUNÇÃO		DATA	
<b>ATIVIDADE DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA</b>					
DATA	28/03/2020				
ANÁLISE INICIAL	Fungos.				
MATERIAIS UTILIZADOS	Trincha, flanela, álcool a 98,2° INPM.				
PROCEDIMENTO APLICADO	Higienização mecânica realizada com trinchas de cerdas macias e limpeza da vitrine com solução de álcool a 98,2° INPM.				
OBSERVAÇÕES					
RESPONSÁVEL	Katiúcia / Lunara / Paloma	FUNÇÃO	Monitora / Estagiárias	DATA	28/03/2020
REVISÃO		FUNÇÃO		DATA	

**Fonte: Arquivo Museu Do Oratório, 2019**

Com base nas análises sistemáticas dos dados recolhidos por meio das práticas realizadas e da documentação existente sobre elas é possível garantir tanto o registro quanto a transmissão das informações. Essa organização, que une aspectos e procedimentos da documentação museológica aliados à conservação preventiva dará os subsídios necessários para o levantamento e sistematização de dados possibilitando traçar a metodologia mais adequada para o desenvolvimento dos procedimentos com precisão e segurança.

## Capítulo 3 - Indicadores de conservação preventiva em fichas de documentação museológica

### 3.1 - Ações de conservação preventiva aplicadas ao MO

O Museu do Oratório em sua missão explicitada no Plano Museológico de 2021 estabelece a importância de:

Promover processos de pesquisa, **preservação**<sup>7</sup> e difusão de seu acervo, com especial ênfase ao conjunto de oratórios, operando a relação entre história, memória e identidade, para então criar no público um sentimento valorativo sobre patrimônio cultural brasileiro representado em sua coleção.

A preservação é um dos pilares da cadeia operatória da Museologia, a atuação do museu é pautada por esse processo, como podemos observar na citação acima. A Conservação preventiva é um desses processos que são intrínsecos à preservação, portanto a instituição também tem a responsabilidade de fazer o acompanhamento do estado de conservação do acervo que está sob seus cuidados, como determina o Código de Ética para Museus do Conselho Internacional de Museus:

O museu deve acompanhar com atenção o estado de conservação dos acervos para determinar quando um objeto ou espécime necessita de intervenções de conservação-restauração ou de serviços de um conservador-restaurador qualificado. O principal objetivo deve ser a estabilização do objeto ou espécime. Todo procedimento de conservação deve ser documentado e, na medida do possível, reversível; toda alteração do objeto ou espécime original deve ser claramente identificável (ICOM, 2010, p. 26).

A instituição desenvolve atividades que promovem a manutenção da estabilidade dos objetos musealizados, mas deve-se ter o cuidado com os aspectos materiais destes, pois há uma diversidade de fatores que podem provocar alterações, que por inúmeras vezes são inevitáveis a tais obras, como evidenciam Froner e Souza (2008, p. 3) com a vulnerabilidade material devido ao uso, manuseio (pesquisa, guarda, exposição ou transporte); reação ao ambiente externo ou predisposição congênita.

A documentação desses procedimentos nos remete a reflexões que perpassam os objetos expostos. Cada análise de um ponto relacionado aos desencadeamentos

---

<sup>7</sup> Grifo nosso.

das ações de conservação nos levam a pensar na potencialidade que esses registros nos possibilitam, fomentam pesquisas internas e externas, nos colocam em comunicação direta com os objetos.

As ações de conservação preventiva que são executadas permeiam as práticas de controle das condições ambientais em uma das salas expositivas (subsolo), a vistoria e contempla também as atividades de higienização, sempre desenvolvidas por profissionais com qualificação para o manuseio das obras em questão. A conservação em seu cerne possui caráter multidisciplinar, com intuito de manter a integridade, preocupa-se com os processos e metodologias definidas antes, durante e posteriormente às ações. Destaca-se a atividade de documentação, como registro, como forma de legitimar, resguardar e justificar cada procedimento.

Detalhamento das atividades realizadas:

☐ Monitoramento Ambiental

Essa prática é realizada diariamente. O registro dos índices de Umidade Relativa (UR) e Temperatura (T) são recolhidos 3 vezes ao dia, nos dias em que o museu está aberto (quinta-feira a segunda-feira) ou seja, 5 dias na semana com ocorrência nos horários: 09h, 12h e 17h. O termo-higrômetro eletrônico está instalado apenas no subsolo, área que não possui janelas, somente um exaustor com filtro, para contribuir para uma melhor ventilação no ambiente. Portanto, é um espaço mais suscetível a proliferação de fungos e demanda uma atenção maior, principalmente em períodos do ano que a umidade do ar tende a ser mais elevada.

☐ Vistorias<sup>8</sup>

As vistorias são realizadas a cada 15 dias, para observação e avaliação das vitrines e dos acervos. A organicidade desse processo ocorre respeitando a numeração das vitrines, tendo início pela nº01 presente no subsolo com finalização no primeiro pavimento. Normalmente, as vistorias são realizadas por uma monitora<sup>9</sup> e estagiários/as, com o cuidado de observar cada vitrine com cautela, assim como os objetos que estão em seu interior.

---

<sup>8</sup>De acordo Marilene Fragas Costa (2003) a vistoria consiste em vistoriar o acervo por amostragem, identificando se ocorreu algum ataque de insetos ou micro-organismo. É também objetivo da vistoria, a avaliação do estado geral dos documentos, para que sejam determinadas as providências a serem tomadas. (COSTA, 2003, p. 12)

<sup>9</sup>É de extrema importância salientar que os profissionais responsáveis pelas atividades de conservação preventiva são devidamente capacitados para as atividades propostas. Os estagiários sempre desenvolvem as ações com monitoramento de um membro da instituição e são instruídos previamente acerca das práticas que irão desempenhar.



## □ Higienização

O Processo de limpeza do acervo consiste na higienização mecânica, ou seja, retirada da sujeira superficial com auxílio de uma trincha de pelo macio, ou uma flanela de algodão. Para a limpeza das vitrines de vidro é utilizado o álcool a 98,2° INPM. A realização dessa atividade ocorre no ambiente em que as obras estão distribuídas dentro do próprio circuito expositivo, pois o Museu não possui reserva técnica ou sala específica, todo o procedimento é transcrito na ficha e registrado através de fotografias. O procedimento que envolve a restauração é realizado por empresa terceirizada.

**Figura 11 e 12: Procedimento de limpeza mecânica**



**Fonte: Arquivo Museu Do Oratório, 2021.**

O procedimento é sempre realizado com segurança, todos os profissionais envolvidos no processo de higienização utilizam os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), para evitar possíveis contaminações.

### **3.2 - Levantamento dos dados obtidos através do Dossiê de Controle e Conservação do acervo**

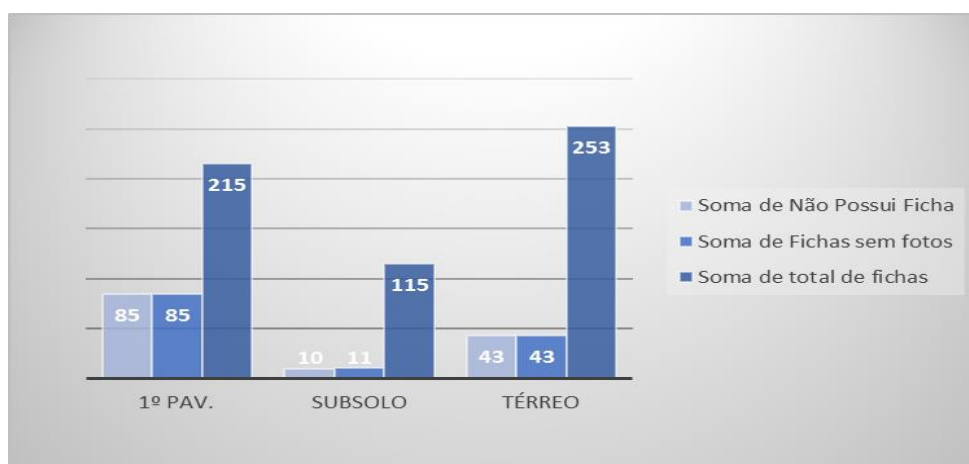
Desde a sua inserção nas práticas de registro das informações relacionadas ao acervo no Museu do Oratório, as fichas de que integram o Dossiê ao longo desses 3 anos em que vem sendo alimentadas. O processo que teve início a partir de janeiro de 2019 com adição das últimas em novembro de 2021 permite averiguar alguns indicativos

que nos auxiliam a compreender um pouco mais sobre o acervo, baseado em seus registros da conservação preventiva.

O Museu possui distribuídos em seus três pisos, 64 vitrines e 5 reconstituições de épocas. Ao analisar o Dossiê, podemos levantar cerca de 583 fichas preenchidas, levando em consideração que esse número difere do apresentado anteriormente devido a adição das fichas quando apresentam partes. A adição de fichas para esses objetos que fazem parte de um conjunto é importante caso ocorra alguma avaria. Com a respectiva ficha são observados detalhamentos que podem facilitar a recuperação de dados em caso de perda, ou mesmo caso a peça saia em comodato, como já ocorreu em outros momentos.

Em virtude disso, foi observado que temos um total de 138 partes que não possuem fichas próprias, e também não possuem fotografias que as identifiquem, somente seu número de registro.

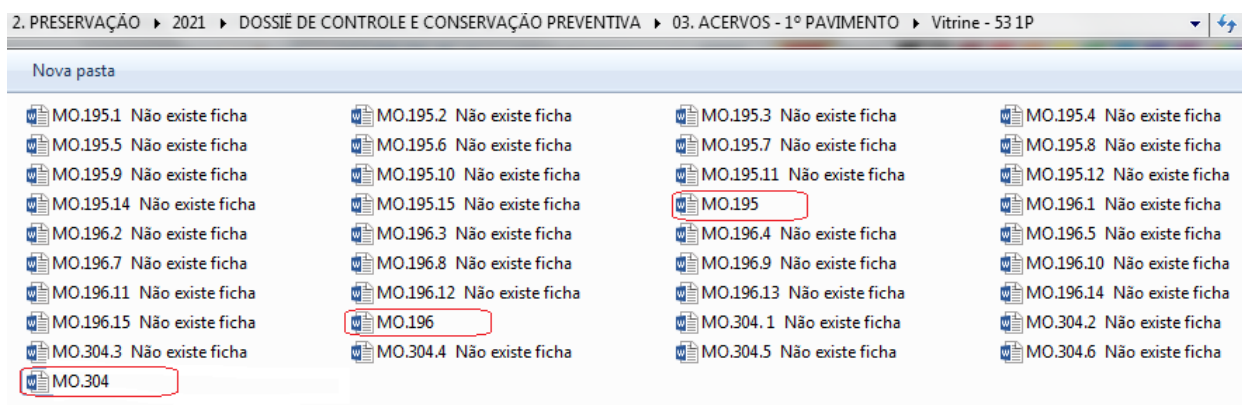
**Figura 12: Gráfico com dados relacionados as Fichas**



**Fonte: Lunara C. Ferreira Da Silva, 2021.**

No gráfico é possível perceber a organização das informações por pavimento, no qual consta que o maior índice de objetos que não possuem ficha e sem registro fotográfico estão localizados no 1º pavimento, inclusive a vitrine que possui maior número de ausência das fichas é a 53, com o somatório de 34 partes sem ficha.

**Figura 13: Registro da pasta do documento Word**

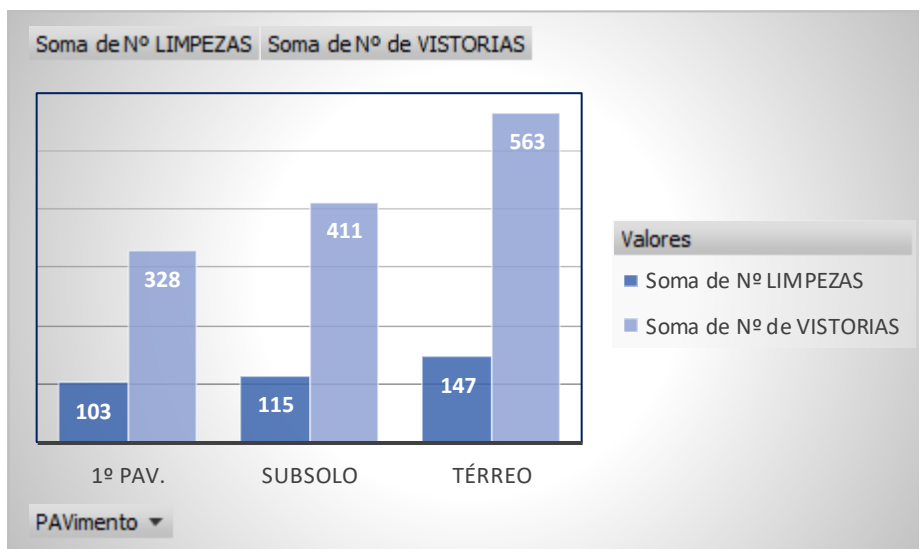


**Fonte: Arquivo Museu Do Oratório, 2021.**

Logo, os documentos que estão marcadas com retângulo em vermelho são as fichas completas, referentes aos oratórios em que as esculturas estão inseridas. O mesmo quantitativo é válido para as fichas que não possuem fotografias.

As vistorias em todos os espaços expositivos somaram 1.302 preenchimentos e 365 atividades de higienização executadas. Podemos observar através do quadro abaixo (fig. 14) que o ambiente com maior incidência de vistoria ocorreu no pavimento térreo, e isso, pode ser relacionado ao fato de nele estarem as vitrines que possuem maiores dimensões e que não vedam corretamente em razão do piso em pedra, com pouco nivelamento, o que colabora para que as vitrines fiquem mais suscetíveis a presença de insetos, poluição atmosférica, micro-organismos, dentre outros agentes de deterioração.

**Figura 14: Gráfico ilustrativo apresenta a soma das vistorias e higienizações**



**Fonte: Lunara C. Ferreira da Silva, 2021.**

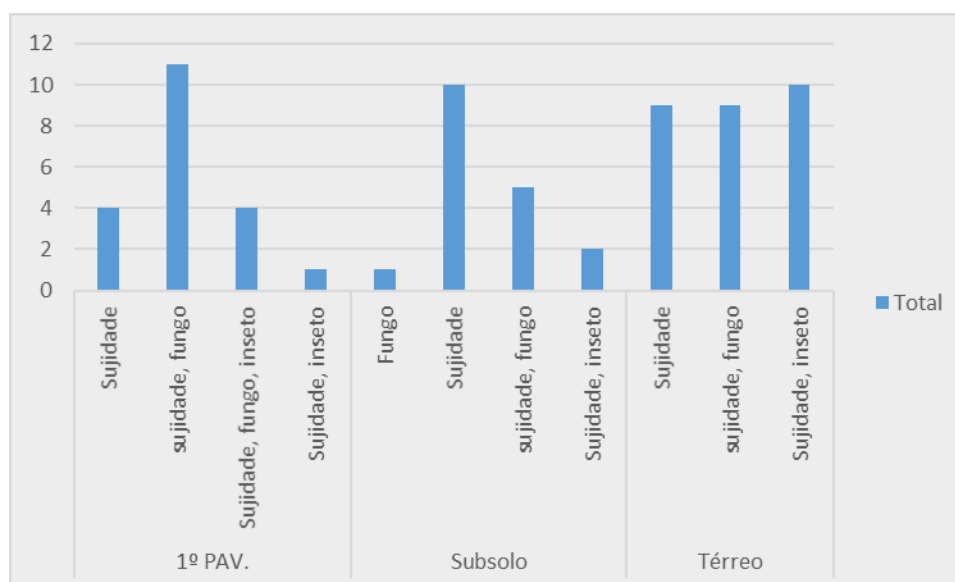
Um fator determinante para a análise realizada com os somatórios desses anos foi a diminuição das atividades, pois desde março de 2020 estamos atravessando a pandemia. Portanto, durante esse período em que o Museu esteve fechado para visitação as ações de conservação preventiva aconteceram com alteração da periodicidade, sendo que a equipe de trabalho estava reduzida e trabalhando em escala de revezamento, seguindo todos os protocolos de segurança.

Durante o levantamento das informações alguns agentes de deterioração foram identificados e observados sua recorrência nos acervos, no qual podemos pontuar:

- Agentes físicos: Luz, temperatura e umidade. A iluminação do Museu em sua grande maioria é composta por lâmpadas halógenas que contribuem para a aceleração dos outros agentes já que trabalha em altas temperaturas, além de promoverem danos severos às obras.
- Agentes Biológicos: presença de fungos, insetos.
- Agentes Químicos: como os poluentes, levando em consideração que o museu está inserido no centro da cidade onde o tráfego de automóveis é intensificada. Os detritos suspensos no ambiente também se acumulam nas peças.

Com a organicidade dessas informações por pavimento, conseguimos compreender qual destes têm a necessidade de um acompanhamento mais recorrente.

**Figura 15: Gráfico demonstrativo dos agentes de degradação**



**Fonte: Lunara C. Ferreira da Silva, 2021.**

Os agentes de deterioração apresentados no quadro acima estão agrupados de forma que são encontrados nas vitrines. Cada vitrine possui um microclima que pode ter variações de troca de ar com o ambiente, dependendo de seu fechamento, tamanho e forma também. Como sabemos, as vitrines que estão no térreo não vedam perfeitamente, o que permite a troca de ar com o ambiente externo possibilitando assim entrada de poluentes, insetos. Seguido do subsolo, onde a sujidade acumulada é a mais recorrente e no primeiro pavimento temos as vitrines 46, 52, 56 que agregam todos os agentes, isso ocorre porque são as mais complicadas para abrir e demandam de mais pessoas.

A observância de todos esses dados só possível devido à realização do recolhimento das informações referentes aos procedimentos realizados pela instituição em suas atividades de conservação preventiva. Nessa perspectiva, conhecer os agentes de degradação que afetam a estabilidade dos objetos é buscar alternativas para minimizar os danos.

Em aspectos gerais podemos observar que através dos indicadores apresentados pelos gráficos podemos destacar o pavimento térreo como aquele que possui mais ocorrências:

- Possui o maior quantitativo de fichas;
- Maior número de vistorias e limpezas;
- Maiores índices de agentes de degradação;

- As representações de época são as duas mais higienizadas em relação a todo acervo.

Esses indicadores podem fornecer subsídios para o desenvolvimento de novas pesquisas afim de trazer melhorias para esse ambiente. Esse pavimento também apresenta uma diversidade significativa de suportes, principalmente relacionado aos Oratório Afro-Brasileiros compostos por: madeira, latão, ferro batido, material plástico e papel impresso. Como esse pavimento não possui meios de aferimento da temperatura e umidade relativa, não é possível determinar os indicadores, mas, baseado na região em que o museu está inserido podemos afirmar que possui altos índices de umidade, principalmente em determinadas épocas do ano. As representações de época ficam vulneráveis aos agentes principalmente por não possuírem vitrine pois estão em constante troca direta com o ambiente.

As vitrines que possuem menos ocorrências estão localizadas no primeiro pavimento, no qual consta apenas um registro de vistoria assim como um registro de higienização, curiosamente é uma vitrine que possui um formato de fechamento da vitrine diferente das demais, o que possibilita sua total vedação.

Conseguimos perceber como um desencadeamento de processos destinados ao bem-estar e investigação do acervo, corroboram para a dinâmica do museu e seus métodos de gestão de acervo, sempre atuando com uma organicidade:

**Figura16: Organograma da dinâmica dos processos destinados ao acervo**



Fonte: Lunara Cristina F. da Silva, 2022.

A instituição está em constante aprimoramento em relação a seus processos de documentação museológica afim de colaborar para o fortalecimento da cadeia operatória da museologia e para a gestão de seu acervo. Nicola Ladkin (2015) afirma que:

A gestão de acervo é fundamental para que o acervo sustente a missão do museu. E garantir o melhor aproveitamento dos recursos sempre limitados de tempo, dinheiro, equipamento, material, espaço físico e equipe. Da mesma maneira, deve se basear em política e procedimentos claramente definidos que orientem as decisões a serem tomadas e as atividades diárias (LADKIN, 2015, p. 14).

Dentro desse panorama, um processo que pode garantir subsídios de forma clara e metodológica é a necessidade da criação de uma Política de Gestão de Acervos na instituição. Esse é um assunto que vem sendo pensado na atual gestão administrativa coordenada por Paulo Otávio Laia<sup>10</sup>. As discussões estão sendo fomentadas como reafirmado em nosso Relatório de Estágio Supervisionado desenvolvido a partir das diretrizes de conservação preventiva e restauração. Pautada na preservação e difusão do acervo, com levantamento sistemático das fichas de dossiê de conservação e controle do acervo, deve-se normatizar os procedimentos aplicados ao tratamento do acervo, as ações de conservação preventiva, ao trato com a segurança, dentre outras diretrizes.

Os objetos que estão inseridos no museu de certo modo, são vivos, estão sempre em processo de troca com o ambiente como vimos através dos indicadores apresentados. A estabilização ou mesmo a diminuição desses fatores que levam a deterioração devem sempre seguir caminhos pré-definidos. Analisamos esse caso em específico e entendemos que, quanto mais estabelecido forem os critérios e métodos realizados pela instituição, mais garantida é a continuidade das ações para além da gestão em curso.

Como um documento de caráter fundamental para os museus, a política de gestão de acervos objetiva um conjunto de instruções e procedimentos a serem realizados, levando em consideração a missão e objetivos da instituição.

Para que a gestão de acervo seja bem-sucedida, as decisões sobre o acervo de um museu devem ser tomadas consistentemente e após cuidadosas considerações. Uma boa decisão é fundamentada em uma boa política. Por isso o documento mais importante do museu em relação ao acervo é a Política de Gestão de Acervo. Constituída a partir da declaração da missão e

---

<sup>10</sup> Museólogo e Coordenador Museológico do Museu do Oratório.

outras políticas básicas, a finalidade de um museu e seus objetivos são cumpridos pela pesquisa e pela preservação do acervo. Uma vez escrita, a Gestão de Acervo serve tanto como guia prático para a equipe do museu quanto como documento público que explica como a instituição se responsabiliza pelo acervo que está a seus cuidados (LADKIN, 2015, p. 14).

Dada sua relevância, pode-se conferir no Código de Ética para Museus do Conselho Internacional de Museus – ICOM, uma seção destinada a política de gestão, como no trecho transcrito abaixo.

#### 2.1 Política de acervos

Em cada museu, a autoridade de tutela deve adotar e tornar público um documento relativo à política de aquisição, proteção e utilização de acervos. Esta política deve esclarecer a situação dos objetos que não serão catalogados, preservados ou expostos (ICOM, 2010, p. 20).

As definições são inúmeras e diversos documentos atestam a necessidade dessa ferramenta, reforçando o compromisso institucional e social da mesma. Alejandra Saladino (2013) afirma que se deve compreender a Política de Acervo como uma **política pública**<sup>11</sup>, pois que relativa às práticas e decisões de uma instituição sem fins lucrativos.

De forma mais abrangente, a política de acervos pode abordar tópicos como: aquisição, descarte, alienação, preservação, empréstimo, dentre outros. Reitera-se que a instituição está alinhada à sua missão institucional, fator que corrobora para o fortalecimento da cadeia operatória, afim de tornar o MO cada vez mais acessível, dinâmico e inclusivo, graças a um sistema de informação consistente e assertivo.

Portanto é preciso pensar a partir das práticas e dos procedimentos que são promovidos pelo Museu do Oratório. Partir do concreto para elaborar diretrizes que poderão servir de orientação como um conjunto de instruções para o trabalho diário.

Dessa forma, além de garantir segurança e transparência nos processos, também podemos corroborar para gerar importantes fontes de informação para pesquisas nas áreas de documentação museológica, conservação preventiva, dentre outras como demonstrado por nós na presente pesquisa.

---

<sup>11</sup> Grifo nosso.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações que estão relacionadas ao escopo da cadeia operatória da Museologia, como a pesquisa, preservação e a documentação são pilares estruturantes para que um museu desenvolva tecnicamente as ações de responsabilidade para com seu público, aproximando-se cada vez mais deste. O museu deve estar sempre comprometido com a democratização do conhecimento, concebida a partir do gerenciamento adequado de seu acervo e da documentação que são fornecidas por meio do registro das práticas diárias da instituição.

A conservação preventiva e a documentação museológica não podem atuar desassociadas, são complementares e fundamentais para que a gestão do acervo ocorra de forma assertiva. Nesse sentido, o Museu do Oratório desempenha ações de conservação preventiva e através do preenchimento do dossiê de controle e conservação do acervo busca registrar esse processo e reunir informações sobre cada vitrine e objeto.

A coleção do MO é vasta e nos possibilita muitos aprendizados. Através do trabalho, atuação e vivência nesse espaço conseguimos ampliar a percepção com relação aos conceitos inerentes à Museologia estabelecendo o entendimento conceitual e prático. Ao lidar diretamente com o acervo é perceptível a complexidade em garantir a estabilização desses objetos que estão sob sua tutela, mediante a própria ação do tempo.

Portanto, no decorrer das ações práticas e o seu registro no Dossiê a partir de janeiro de 2019 preenchidas até novembro de 2021, avaliamos quais informações poderíamos obter por intermédio desse registro. O fato de haver um documento que possa ser alimentado diariamente com dados sobre as peças já nos indica a possibilidade de investigação e a seriedade da instituição em documentar todos os procedimentos.

Cada capítulo trilhou rumos que nos levaram a entender os processos que tangem a documentação museológica sempre alinhada à conservação preventiva e suas práticas. Observamos a partir do levantamento bibliográfico como a preservação é de extrema relevância para o cumprimento da cadeia operatória da Museologia que corrobora para diminuir as distâncias com seu público. Além disso, ao averiguar o registro das informações destinadas à documentação museológica notamos que a instituição está sempre buscando meios para melhoria da sua gestão do acervo, como

adição de um sistema de gerenciamento informatizado criado a partir do inventário. Esse novo sistema, apesar de não habilitar adição de novos campos ou informações, muito contribuiu para o desenvolvimento de novas pesquisas e novos documentos, como o Dossiê de Controle e Conservação de Acervo.

Ao analisarmos as informações contidas no dossiê, fizemos o levantamento de informações que nos possibilitam pensar novas maneiras para continuar desenvolvendo práticas informacionais que podem ser norteadoras para a equipe de trabalho e para manutenção dos cuidados em relação ao acervo. Para isso, reforçamos que a elaboração de uma Política de Gestão de Acervos é o documento que falta para a instituição ter protocolos que garantam a seguridade dos processos e mecanismos orientadores para ação direta ou indireta do acervo.

Com isso, podemos observar a importância da reflexão sobre essa temática, por abordar questões que trazem para a cena principal a necessidade da documentação museológica para disseminação da informação, fomentando pesquisas, meios para trazer o público para o museu, seja pelas visitas virtuais ou mesmo no espaço físico da instituição que está sempre aberta a diálogos e a pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA, Cristina. **Inventário da Coleção Angela Gutierrez: Museu do Oratório**. Belo Horizonte, 1998. Parte 1.

BARBUY, Heloísa. **Os museus e seus acervos: sistemas de documentação em desenvolvimento**. In: Integrar – 1º Congresso Internacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus, mar. 2002, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. p.67-78.

BOTTALLO, Marilucia. **Diretrizes em documentação Museológica in Documentação e Conservação de Acervos Museológicos**. São Paulo; Brodowski. Governo do Estado de São Paulo - ACAM Portinari. 2010

BRULON, Bruno. Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbynek Z. Stránský e a Escola de Brno. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.25. n.1. p. 403-425. jan.-abril 2017. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672017v25n0114>

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Musealização da arqueologia: um estudo de modelos para o projecto de Paranapanema**. Cadernos de sociomuseologia, v. 17, nº 17, 1999. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/34>>.

BUENO, Mariana Pimenta. **Museu e colonialidade: a repatriação museológica como instrumento de luta**. Neiba - Cadernos Argentina-Brasil, Rio de Janeiro, n. 8, p. 01-20, 2019.

CALDEIRA, Cleide Cristina. (2006). Conservação preventiva: histórico. **Revista CPC**, (1), 91-102. Disponível em < <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i1p91-102>>

CHAGAS, Mario. D. S. (1). **Em busca do Documento Perdido: A problemática da construção Teórica na Área da Documentação**. Cadernos de sociomuseologia, v. 2, n. 2, 2004. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/534>> Acesso em: 13/10/2021.

CAMARGO-MORO, Fernanda de. **Museus: aquisição-documentação**. Rio de Janeiro: Livraria Eça, 1986

CÂNDIDO, Maria Inez. **Documentação Museológica in Caderno de Diretrizes Museológicas**. Belo Horizonte: Secretaria do Estado da Cultura/Superintendência de Museus, v.1, p.29-88.

COSTA. Karine Lima da. **Pensar o patrimônio cultural por meio da repatriação e restituição de bens culturais**. Patrimônio e Memória. São Paulo, Unesp, v. 14, n. 2, p. 256-271, julho-dezembro, 2018.

COSTA, Marilene Fragas. **Noções básicas de conservação preventiva de documentos**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CICT, 2003. Disponível em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/normas\\_conservacao\\_fio\\_cruz\\_1358966008.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/normas_conservacao_fio_cruz_1358966008.pdf)>. Acesso em 27/11/2021.

DECLARAÇÃO DE QUEBEC. **Princípios de Base de uma Nova Museologia - Documento Final do Evento, 1984**. In: MOUTINHO, Mário. *Museus e sociedade: reflexões sobre a função social do museu*. Cadernos de sociomuseologia, v 15, n.15,1999.

FABBRI, Angelica; MACHADO, Cecília. **Informatização dos Acervos dos Museus como Ferramenta de Acesso in Documentação e Conservação de Acervos Museológicos**. São Paulo; Brodowski. Governo do Estado de São Paulo - ACAM Portinari. 2010

FERREZ, Helena. **Documentação Museológica: Teoria para uma boa prática**. In: IPHAN. *Estudos Museológicos*, Rio de Janeiro: IPHAN, 1994.

FRONER, Yacy-Ara -.; SOUZA, L.A.C. **Tópicos em conservação preventiva – Preservação de bens patrimoniais: conceitos e critérios**. Belo Horizonte: LACICOR – EBA – UFMG, 2008.

\_\_\_\_\_. **Princípios históricos e filosóficos da Conservação Preventiva**. Belo Horizonte: LACICOR – EBA – UFMG, 2008.

INSTITUTO Cultural Flávio Gutierrez. **Relatório Anual – 2017**. Disponível em <<https://icfg.org.br/>> Acesso em 29/10/2021.

\_\_\_\_\_. **Plano Museológico, 2021 (2022 – 2024)**.

ICOM. **Código de ética**. Código de ética do ICOM. 2010. Disponível em: <[http://www.mp.usp.br/sites/default/files/arquivosanexos/codigo\\_de\\_etica\\_do\\_icom.pdf](http://www.mp.usp.br/sites/default/files/arquivosanexos/codigo_de_etica_do_icom.pdf)>. Acesso em: 13/11/2021.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa ICOM Brasil Nova Definição de Museu**. 2021. Disponível em: <<http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Apresentacao.pdf>>. Acesso em: 09/11/2021.

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Carta de Atenas 1931**. Cartas patrimoniais. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201931.pdf>> Acesso em 02/11/2021.

\_\_\_\_\_. **Carta de Itália 1987**. Cartas patrimoniais. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/>> Acesso em 02/11/2021.

\_\_\_\_\_. **Carta de Veneza 1964**. Cartas patrimoniais. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>> Acesso em 02/11/2021.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Os restauradores e o pensamento de Camillo Boito sobre a restauração**. In: BOITO, Camillo. Os restauradores. Tradução de Paulo Mugayar Kühl e Beatriz Mugayar Kühl. Cotia: Ateliê, 2002, p. 9-28.

LADKIN, Nicola. **Gestão de Acervo**. Como Gerir um Museu: Manual prático. Brodowski, SP : Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari; São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 2015.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus; LOUREIRO, José Mauro Matheus. **Documento e musealização**: entretecendo conceitos. Midas - Museus e estudos interdisciplinares, Évora, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2013.

MEYRIAT, Jean. **Document, documentation, documentologie. Schéma et Schématisation**, n. 14, p. 51-63, 1981. Disponível em: <<http://documentacademy.org/content/Meyriat-1981.pdf>> Acesso em: 30/09/2021.

NASCIMENTO, Rosana. **Documentação Museológica e Comunicação**. Cadernos de Sociomuseologia, v3, nº3, 1994. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/307>> Acesso em: 10/10/2021.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo**. Florianópolis: FCC Edições, 2014. 26p.

PAULA, Teresa. C. T. **De Plenderleith a Al Gore: o ideário vigente na conservação de bens culturais móveis no século XXI**. Anais do Museu Paulista, v. 16, p. 241-264, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/anaismp/a/fPcppBXfMDv4TWDdXnKm3rN/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 17/11/2021.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: GIL, Fernando (Org.). **Memória-História**. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

SÁ, Ivan Coelho de; GIBELLI, Alessandra; KETZER, Daisy. **A formação de Profissionais em Conservação no Brasil**. In: GRANATO, Marcus; ROCHA, Claudia Regina; SANTOS, Claudia da Penha dos (Org.). Conservação de Acervos. Rio de Janeiro: MAST, 2007. p.145-161. (Mast Colloquia, v.9).

SALADINO, Alejandra. Para uma Política de Acervo do Museu da República (MR). **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 64-77, nov. 2013.

SANTOS, Maria Célia T. M. **A Preservação da Memória Enquanto Instrumento de Cidadania**. Cadernos de Sociomuseologia, v 3, nº 3, 1994. Disponível em : <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/307>> Acesso em: 09/10/2021.

## **ANEXO**



<b>Nº OBJETO</b>	MO.218 - Doação
<b>NOME OBJETO</b>	Oratório [Salão]
<b>CLASSE</b>	Interiores
<b>SUBCLASSE</b>	Peça de Mobiliário
<b>MATERIAL</b>	Madeira; Vidro
<b>ORIGEM</b>	Minas Gerais
<b>DATAÇÃO</b>	Século XVIII
<b>DIMENSÕES (cm)</b>	55,0 x 35,0 x 10,0
<b>PESO (Kg)</b>	2,05
<b>MARCAS / INSCRIÇÕES</b>	
<b>LOCALIZAÇÃO</b>	VT 64 1P

DESCRIÇÃO	
<p>Oratório de madeira recortada e entalhada, com policromia e douramento, possuindo pouca profundidade. Externamente, apresenta base com três (03) pés: dois (02) frontais com recortes em volutas e concheados, que se fundem a moldura do frontispício e, um (01) posterior, em formato curvo. Estrutura principal possuindo, na vertical, caixa em cinco (05) faces com quinas curvas e verso parafusado. Frontispício decorado apresentando moldura entalhada em volutas douradas e ornatos em rocalhas, balizando um anteparo de vidro. Frontão sinuoso arrematado por paletas e penacho terminado em conchas. Internamente, apresenta laterais em policromia branca com ornatos pictóricos de rosinhas de Malabar e rocalhas douradas. Fundo azul com ornatos pictóricos de nuvens brancas, querubins de asas vermelhas e raionado dourado ao centro, possuindo dois (02) consoles dourados de base afunilada e superfície em semicírculo, com as representações escultóricas de Santo Antônio à direita e Nossa Senhora Mãe dos Homens à esquerda do espectador. Base com elevação central com o relevo de Cristo crucificado. Cruz latina de madeira recortada e entalhada, com detalhes em metal, resquícios de douramento, apresentando imagem de Cristo crucificado. Cruz com traves retas, possuindo ponteiras com ornatos metalizados. Cartela sinuosa feita em metal ao alto. Sobre o eixo perpendicular das traves, resplendor de metal prateado, em forma raionada, possuindo elemento fitomorfo ao centro. Sob o eixo perpendicular das traves, grande raionado em metal prateado. Representação de Cristo crucificado em metal dourado. Figura masculina cravada sobre a cruz. Cabeça inclinada à direita, possuindo cabelos castanhos longos, ondulados, partidos ao meio. Rosto triangular com barba e leve detalhamento facial, apresentando olhos cerrados, nariz fino e boca pequena. Braços em “Y” e dorso nu exibindo tórax com costelas em ogiva. Perizônio esvoaçante à direita atado por cordão, deixando parte da coxa descoberta. Pernas levemente flexionadas com pé direito sobreposto ao esquerdo. Apresenta cravos nas mãos e nos pés. Corte ao lado direito do peito, feridas e chagas pelo corpo. Peanha em forma semicircular, possuindo dois (02) volumes, cujo mais alto apresenta as imagens metalizadas, em relevo, de Maria Madalena, Nossa Senhora das Dores e São João Evangelista. À direita do espectador, São João Evangelista. Figura masculina em pé, posição frontal, com leve torção corporal. Cabeça ligeiramente voltada à direita, semi-calvo, possuindo auréola. Rosto oval com leve detalhamento facial, apresentando olhos, nariz e boca. Braços flexionados à frente, mãos sobre o peito. Veste túnica longa e manto caindo diagonalmente pelo ombro esquerdo. Pés com as pontas dos sapatos a mostra. Ao centro, acima das outras representações, Nossa Senhora das Dores. Figura feminina ajoelhada e em posição frontal. Cabeça levemente virada à esquerda com cabelos longos, possuindo auréola. Rosto oval com detalhamento facial, apresentando olhos, nariz e boca. Braço direito flexionado à frente, mão sobre o peito. Braço esquerdo flexionado ao lado, mão a suplicar. Veste túnica longa e manto pendendo pelo braço esquerdo. Perna direita flexionada, dando saliência à vestimenta e perna esquerda ajoelhada. Pé direito com a ponta do sapato aparente. À esquerda do espectador, imagem de Maria Madalena. Figura feminina em pé e posição frontal. Cabeça levemente virada à esquerda, possuindo véu e auréola. Rosto oval com detalhamento facial, apresentando olhos, orelhas, nariz e boca. Braços à frente, mãos entrelaçadas. Veste túnica longa e manto pendendo pelo braço esquerdo. Pés com a ponta dos sapatos a mostra. Ainda nesta área, ornatos metálicos: imagem de caveira sobre ossos cruzados ao centro, e, grande rocalha sobre a moldura de intersecção na subdivisão da base. na parte inferior desta, ornatos metalizados: bandeirola com a face de Cristo ao centro, emoldurada por rocalhas. Ainda nesta área, ornatos metálicos: imagem de caveira sobre ossos cruzados, ao centro, e, grande rocalha sobre a moldura de intersecção dos andares. Sobre o andar de baixo, ornatos metalizados: bandeirola com a face de Cristo ao centro e rocalha na moldura da base.</p>	

**ESTADO DE CONSERVAÇÃO – TERMO DE REFERÊNCIA MO-2009**

CONSERVAÇÃO GERAL	BOM	X	REGULAR	RUIM
CONSERVAÇÃO GERAL				
ESTRUTURA / MATERIAL	Estrutura com rachaduras. Partes refixadas com parafusos e cola. Perda de parte dos esteios frontais.			
ATAQUE DE INSETOS				
ABRASÕES				
FUROS				
DESPRENDIMENTO PARTES				
RACHADURAS / FISSURAS				
QUEIMADURA				
SUJIDADE				
POLICROMIA				
DOURAMENTO	Perda no douramento da policromia.			
REPINTURA				
CRAQUELÊS				
MANCHAS				
OXIDAÇÕES				
<b>PARTES</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>Conjunto: Escultura Religiosa - Santo Antônio MO.218.1; Nossa Senhora do Carmo MO.218.2.</li> </ul>				

DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA			
DATA	31/01/2019		
ANÁLISE DA PEÇA	Fungo na parte inferior.		
OBSERVAÇÕES			
RESPONSÁVEL	Lunara Cristina e Thiago Andreuci	FUNÇÃO	Estagiários
REVISÃO		DATA	31/01/2019
RESPONSÁVEL		FUNÇÃO	
REVISÃO		DATA	
DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA			
DATA	07/02/2019		
ANÁLISE DA PEÇA	Fungo na parte inferior.		
OBSERVAÇÕES			
RESPONSÁVEL	Katiúcia Prates	FUNÇÃO	Monitora
REVISÃO		DATA	07/02/2019
RESPONSÁVEL		FUNÇÃO	
REVISÃO		DATA	
DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA			
DATA	14/02/2019		
ANÁLISE DA PEÇA	Fungo na parte inferior.		
OBSERVAÇÕES			
RESPONSÁVEL	Katiúcia Prates	FUNÇÃO	Monitora
REVISÃO		DATA	14/02/2019
RESPONSÁVEL		FUNÇÃO	
REVISÃO		DATA	
DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA			
DATA	21/02/2019		
ANÁLISE DA PEÇA	Fungo na parte inferior.		
OBSERVAÇÕES			
RESPONSÁVEL	Katiúcia Prates	FUNÇÃO	Monitora
REVISÃO		DATA	21/02/2019
RESPONSÁVEL		FUNÇÃO	
REVISÃO		DATA	
DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA			
DATA	01/03/2019		
ANÁLISE DA PEÇA	Fungo na parte inferior.		
OBSERVAÇÕES			
RESPONSÁVEL	Lunara Cristina	FUNÇÃO	Estagiária
REVISÃO		DATA	01/03/2019
RESPONSÁVEL		FUNÇÃO	
REVISÃO		DATA	
DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA			
DATA	08/03/2019		
ANÁLISE DA PEÇA	Fungo na parte inferior.		
OBSERVAÇÕES			
RESPONSÁVEL	Katiúcia Prates	FUNÇÃO	Monitora
REVISÃO		DATA	08/03/2019
RESPONSÁVEL		FUNÇÃO	
REVISÃO		DATA	
DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA			
DATA	15/03/2019		
ANÁLISE DA PEÇA	Fungo na parte inferior.		
OBSERVAÇÕES			
RESPONSÁVEL	Katiúcia Prates	FUNÇÃO	Monitora
REVISÃO		DATA	15/03/2019
RESPONSÁVEL		FUNÇÃO	
REVISÃO		DATA	



**DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA**

<b>DATA</b>	29/03/2019		
<b>ANÁLISE DA PEÇA</b>	Fungo na parte inferior.		
<b>OBSERVAÇÕES</b>			
<b>RESPONSÁVEL</b>	Lunara Cristina	<b>FUNÇÃO</b>	Estagiária
<b>REVISÃO</b>		<b>FUNÇÃO</b>	
<b>DATA</b>	29/03/2019		

**DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA**

<b>DATA</b>	05/04/2019		
<b>ANÁLISE DA PEÇA</b>	Fungo na parte inferior.		
<b>OBSERVAÇÕES</b>			
<b>RESPONSÁVEL</b>	Katiúcia Prates	<b>FUNÇÃO</b>	Monitora
<b>REVISÃO</b>		<b>FUNÇÃO</b>	
<b>DATA</b>	05/04/2019		

**DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA**

<b>DATA</b>	22/04/2019		
<b>ANÁLISE DA PEÇA</b>	Fungo na parte inferior.		
<b>OBSERVAÇÕES</b>			
<b>RESPONSÁVEL</b>	Lunara Cristina	<b>FUNÇÃO</b>	Estagiária
<b>REVISÃO</b>		<b>FUNÇÃO</b>	
<b>DATA</b>	22/04/2019		

**DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA**

<b>DATA</b>	05/06/2019		
<b>ANÁLISE DA PEÇA</b>	Fungo na parte inferior.		
<b>OBSERVAÇÕES</b>			
<b>RESPONSÁVEL</b>	Katiúcia Prates	<b>FUNÇÃO</b>	Monitora
<b>REVISÃO</b>		<b>FUNÇÃO</b>	
<b>DATA</b>	05/06/2019		

**DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA**

<b>DATA</b>	05/12/2019		
<b>ANÁLISE DA PEÇA</b>	Sujidade acumulada		
<b>OBSERVAÇÕES</b>			
<b>RESPONSÁVEL</b>	Lunara Cristina / Vitor Amaral	<b>FUNÇÃO</b>	Estagiários
<b>REVISÃO</b>		<b>FUNÇÃO</b>	
<b>DATA</b>	05/12/2019		

**DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA**

<b>DATA</b>	19/12/2019		
<b>ANÁLISE DA PEÇA</b>	Sujidade acumulada.		
<b>OBSERVAÇÕES</b>			
<b>RESPONSÁVEL</b>	Lunara Cristina / Vitor Amaral	<b>FUNÇÃO</b>	Estagiários
<b>REVISÃO</b>		<b>FUNÇÃO</b>	
<b>DATA</b>	19/12/2019		

**DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA**

<b>DATA</b>	09/03/2020		
<b>ANÁLISE DA PEÇA</b>	Fungos na parte posterior da peça.		
<b>OBSERVAÇÕES</b>			
<b>RESPONSÁVEL</b>	Lunara Cristina/Vitor Amaral/Paloma Christina	<b>FUNÇÃO</b>	Estagiários
<b>REVISÃO</b>		<b>FUNÇÃO</b>	
<b>DATA</b>	09/03/2020		

**DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA**

<b>DATA</b>	26/06/2020		
-------------	------------	--	--

<b>ANÁLISE DA PEÇA</b>	Sujidade, fungos.		
<b>OBSERVAÇÕES</b>			
<b>RESPONSÁVEL</b>	Katiúcia Prates/ Lunara Cristina	<b>FUNÇÃO</b>	Monitora / Estagiária
<b>DATA</b>	26/06/2020		
<b>REVISÃO</b>		<b>FUNÇÃO</b>	
<b>DATA</b>			
<b>DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA</b>			
<b>DATA</b>	24/11/2020		
<b>ANÁLISE DA PEÇA</b>	Presença de fungos no oratório.		
<b>OBSERVAÇÕES</b>			
<b>RESPONSÁVEL</b>	Katiúcia Prates/ Paloma Nascimento	<b>FUNÇÃO</b>	Monitora / Estagiária
<b>DATA</b>	24/11/2020		
<b>REVISÃO</b>		<b>FUNÇÃO</b>	
<b>DATA</b>			
<b>DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA</b>			
<b>DATA</b>	07/01/2021		
<b>ANÁLISE DA PEÇA</b>	Presença de fungo na parte posterior do oratório.		
<b>OBSERVAÇÕES</b>			
<b>RESPONSÁVEL</b>	Lunara Cristina Paloma Nascimento	<b>FUNÇÃO</b>	Monitora / Estagiária
<b>DATA</b>	07/01/2021		
<b>REVISÃO</b>		<b>FUNÇÃO</b>	
<b>DATA</b>			
<b>DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA</b>			
<b>DATA</b>	10/11/2021		
<b>ANÁLISE DA PEÇA</b>	Presença de sujidade e fungo.		
<b>OBSERVAÇÕES</b>			
<b>RESPONSÁVEL</b>	Lunara C. / Paloma N. / Lucas C.	<b>FUNÇÃO</b>	Monitora / Estagiários
<b>DATA</b>	10/11/2021		
<b>REVISÃO</b>		<b>FUNÇÃO</b>	
<b>DATA</b>			
<b>DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA</b>			
<b>DATA</b>			
<b>ANÁLISE DA PEÇA</b>			
<b>OBSERVAÇÕES</b>			
<b>RESPONSÁVEL</b>		<b>FUNÇÃO</b>	
<b>DATA</b>			
<b>REVISÃO</b>		<b>FUNÇÃO</b>	
<b>DATA</b>			
<b>DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA</b>			
<b>DATA</b>			
<b>ANÁLISE DA PEÇA</b>			
<b>OBSERVAÇÕES</b>			
<b>RESPONSÁVEL</b>		<b>FUNÇÃO</b>	
<b>DATA</b>			
<b>REVISÃO</b>		<b>FUNÇÃO</b>	
<b>DATA</b>			
<b>DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA</b>			
<b>DATA</b>			
<b>ANÁLISE DA PEÇA</b>			
<b>OBSERVAÇÕES</b>			
<b>RESPONSÁVEL</b>		<b>FUNÇÃO</b>	
<b>DATA</b>			
<b>REVISÃO</b>		<b>FUNÇÃO</b>	
<b>DATA</b>			
<b>DIAGNÓSTICOS DE VISTORIA</b>			
<b>DATA</b>			
<b>ANÁLISE DA PEÇA</b>			
<b>OBSERVAÇÕES</b>			

ATIVIDADE DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA			
DATA	11/06/2019		
ANÁLISE INICIAL	Fungos		
MATERIAIS UTILIZADOS	Trincha, flanela, álcool a 98,2° INPM.		
PROCEDIMENTO APLICADO	Higienização mecânica realizada com trinchas de cerdas macias e limpeza da vitrine com solução de álcool a 98,2° INPM.		
OBSERVAÇÕES			
RESPONSÁVEL	Katiúcia Prates / Lunara Cristina	FUNÇÃO	Monitora / Estagiária
REVISÃO		FUNÇÃO	
DATA	11/06/2019		
ATIVIDADE DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA			
DATA	28/03/2020		
ANÁLISE INICIAL	Fungos.		
MATERIAIS UTILIZADOS	Trincha, flanela, álcool a 98,2° INPM.		
PROCEDIMENTO APLICADO	Higienização mecânica realizada com trinchas de cerdas macias e limpeza da vitrine com solução de álcool a 98,2° INPM.		
OBSERVAÇÕES			
RESPONSÁVEL	Katiucia / Lunara / Paloma	FUNÇÃO	Monitora / Estagiárias
REVISÃO		FUNÇÃO	
DATA	28/03/2020		
ATIVIDADE DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA			
DATA	16/07/2020		
ANÁLISE INICIAL	Sujidade acumulada.		
MATERIAIS UTILIZADOS	Trincha, flanela e álcool 98,2° INPM.		
PROCEDIMENTO APLICADO	Higienização mecânica realizada com trinchas de cerdas macias e limpeza da vitrine com solução de álcool a 98,2° INPM.		
OBSERVAÇÕES			
RESPONSÁVEL	Katiúcia Prates / Lunara Cristina	FUNÇÃO	Monitora / Estagiária
REVISÃO		FUNÇÃO	
DATA	16/07/2020		
ATIVIDADE DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA			
DATA	26/11/2020		
ANÁLISE INICIAL	Presença de fungos no oratório.		
MATERIAIS UTILIZADOS	Trincha, flanela e álcool 98,2° INPM.		
PROCEDIMENTO APLICADO	Higienização mecânica realizada com trinchas de cerdas macias e limpeza da vitrine com solução de álcool a 98,2° INPM.		
OBSERVAÇÕES			
RESPONSÁVEL	Katiúcia Prates / Paloma Nascimento	FUNÇÃO	Monitora / Estagiária
REVISÃO		FUNÇÃO	
DATA	26/11/2020		
ATIVIDADE DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA			
DATA	16/01/2021		
ANÁLISE INICIAL	Presença de fungo na parte posterior do oratório.		
MATERIAIS UTILIZADOS	Trincha, flanela e álcool 98,2° INPM.		
PROCEDIMENTO APLICADO	Higienização mecânica realizada com trinchas de cerdas macias e limpeza da vitrine com solução de álcool a 98,2° INPM.		
OBSERVAÇÕES			
RESPONSÁVEL	KatiuciaPrates/LunaraCristinaPalomaNascimento	FUNÇÃO	Monitora / Estagiária
REVISÃO		FUNÇÃO	
DATA	16/01/2021		
ATIVIDADE DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA			
DATA	10/11/2021		

<b>ANÁLISE INICIAL</b>	Presença de sujidade e fungo.		
<b>MATERIAIS UTILIZADOS</b>	Trincha, flanela e álcool 98,2° INPM.		
<b>PROCEDIMENTO APLICADO</b>	Higienização mecânica realizada com trinchas de cerdas macias e limpeza da vitrine com solução de álcool a 98,2° INPM.		
<b>OBSERVAÇÕES</b>			
<b>RESPONSÁVEL</b>	LunaraCristina/PalomaNascimento/LucasCardoso	<b>FUNÇÃO</b>	Monitora / Estagiária
<b>REVISÃO</b>		<b>FUNÇÃO</b>	
		<b>DATA</b>	10/11/2021